

Glauciane da Conceição dos Santos Faria

AUSÊNCIA/PRESENÇA DE ARTIGO DEFINIDO DIANTE DE
ANTROPÔNIMO NA CIDADE MINEIRA DE PONTE NOVA: um estudo
sociolinguístico

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2012

Glauciane da Conceição dos Santos Faria

AUSÊNCIA/PRESENÇA DE ARTIGO DEFINIDO DIANTE DE
ANTROPÔNIMO NA CIDADE MINEIRA DE PONTE NOVA: um estudo
sociolinguístico

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: 1A – Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine Dogliani

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2012

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Linguísticos

Dissertação intitulada: “Ausência/presença de artigo definido diante de antropônimo na cidade mineira de Ponte Nova: um estudo sociolinguístico”, de autoria da mestranda Glauciane da Conceição dos Santos Faria, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine Dogliani – FALE/UFMG

Profa. Dra. Ana Paula Antunes Rocha – ICHS/UFOP

Prof. Dr. Eduardo Tadeu Roque Amaral - FALE/UFMG

Profa. Dra. Célia Maria Magalhães
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Linguísticos
FALE/UFMG

Belo Horizonte, 26 de abril de 2012.
Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte – MG – 31270-901

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine Dogliani, que me orientou na execução deste trabalho; obrigada por sua disponibilidade, empenho e dedicação.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos da FALE/UFMG.

A Neffer Luiza, por me ajudar a compreender melhor o programa de análise e a interpretar os dados.

A minha amiga, Melina Rezende Dias, que sempre se mostrou disponível e com extrema boa vontade em me ajudar desde o início da minha caminhada para o Mestrado.

À Assessoria de Comunicação de Ponte Nova na pessoa de Marcos Dias, pelo auxílio com informações sobre a cidade e pela disponibilização de fotos.

Às funcionárias do Centro de Educação Roberto Porto (CERP) por me auxiliarem a encontrar com alguns dos informantes.

À minha amiga, Cristiane Vasconcelos Albergaria, coordenadora do SENAI/Ponte Nova, por ter me auxiliado no processo das entrevistas.

A todos os meus professores, em especial aos do curso da graduação na UFV, os maiores responsáveis por minha formação.

Aos entrevistados por confiarem em mim, por aceitarem participar desta pesquisa, sem eles, essa pesquisa não seria realizada.

A minha amiga, Maria Regina, por ser uma das maiores incentivadoras para que eu fizesse uma graduação.

A minha mãe, se não fosse por sua ajuda incondicional, com certeza eu não seria capaz de realizar mais esta etapa em minha vida.

Ao meu filho, Gabriel, razão do meu viver, por entender as minhas ausências.

Ao meu marido, Douglas de Faria, por sua compreensão nos momentos de ausência e de nervosismo.

A Deus, por entender meus anseios e por me permitir realizar mais este sonho, sem a Sua luz a iluminar meus caminhos nada seria possível.

Enfim, a todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização deste trabalho.

Lista de fotos

| | |
|--|----|
| FOTO 1 - Vista aérea do centro da cidade de Ponte Nova | 11 |
| FOTO 2 - Praça de Palmeiras | 17 |
| FOTO 3 - Capivaras à beira do rio e o pontilhão de ferro ao fundo | 17 |
| FOTO 4 - Fazenda Vau-Açu (vista dos fundos) construída por volta de 1768 | 18 |
| FOTO 5 - Fazenda Vau-Açu, nos dias de hoje conhecida como fazenda Santa Helena | 18 |
| FOTO 6 - Show Tunai em Ponte Nova (2010) | 23 |
| FOTO 7 - João Bosco em Ponte Nova (2009) | 23 |
| FOTO 8 - Matriz de São Sebastião | 23 |
| FOTO 9 - Matriz de São Sebastião atualmente | 23 |

Lista de figuras

| | |
|--|----|
| FIGURA 1 - Mapa político de Minas Gerais destacando a Zona da Mata | 15 |
|--|----|

Lista de gráficos

| | |
|--|----|
| GRÁFICO 1 - Distribuição das variantes | 51 |
| GRÁFICO 2 - Distribuição das variantes sem o fator pessoa pública..... | 66 |

Lista de quadros

| | |
|---|----|
| QUADRO 1 - Antropônimo antecedido por preposição | 38 |
| QUADRO 2 - Circunstância em que o antropônimo é citado | 39 |
| QUADRO 3 - Antropônimo como item de enumeração circunstância em que o antropônimo é citado..... | 40 |
| QUADRO 4 - Roteiro de entrevista | 46 |
| QUADRO 5 - Códigos utilizados | 47 |

Lista de tabelas

| | |
|---|----|
| TABELA 1 - Distribuição geral das variáveis de acordo com os fatores linguísticos | 53 |
| TABELA 2 - Distribuição das variáveis de acordo com o fator "antropônimo antecedido por preposição" | 53 |
| TABELA 3 - Distribuição das variáveis de acordo com o fator "circunstância em que o antropônimo é citado" | 54 |
| TABELA 4 - Distribuição das variáveis de acordo com o fator "antropônimo como item de enumeração" | 56 |
| TABELA 5 - Distribuição das variáveis de acordo com os fatores extralinguísticos | 58 |
| TABELA 6 - Distribuição das variáveis de acordo com o fator "gênero" | 58 |
| TABELA 7 - Distribuição das variáveis de acordo com o fator "gênero" | 60 |
| TABELA 8 - Distribuição das variáveis de acordo com o fator "intimidade" | 61 |
| TABELA 9 - Distribuição das variáveis de acordo com o fator "pessoa pública" | 62 |
| TABELA 10 - Distribuição da variável por antropônimos específicos (figura pública) | 62 |
| TABELA 11 – Ausência/presença de artigo de acordo com o fator indivíduo | 64 |
| TABELA 12 - Distribuição das variáveis de acordo com o cruzamento dos fatores gênero e faixa etária | 65 |

Resumo

No presente trabalho, analisa-se, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística propostos por Labov (1972), a ausência/presença de artigo definido diante de nomes próprios de pessoas - antropônimos – na fala dos moradores da cidade mineira de Ponte Nova– MG, que está a 190km de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Ao realizar esta pesquisa, observou-se que a realização do artigo definido diante de antropônimo ocorre de forma variável, de acordo com fatores linguísticos e extralinguísticos. O *corpus* desta pesquisa foi composto por 933 dados retirados das entrevistas realizadas com 16 informantes, sendo 8 do gênero masculino e 8 do feminino, divididos em duas faixas etárias – "jovens" de 18 a 25 anos – e "adultos" acima de 60 anos. Os dados foram analisados quantitativamente, através do programa estatístico GOLDVARB/VARBRUL (2001). Os resultados obtidos apontaram como relevante, entre os fatores linguísticos, somente o fator "antropônimo antecedido por preposição" e, entre os extralinguísticos, os fatores: faixa etária e pessoa pública.

ABSTRACT

This work presents an analysis of the absence/presence of definite articles before proper nouns, the anthroponyms, in the light of the theoretical and methodological assumptions of Labovian Sociolinguistics (1972). The analysis considers the speech of residents of Ponte Nova city, which is 190 km from the capital of the state of Minas Gerais, Belo Horizonte. During the conduction of this research, it was observed that the realization of the definite article before an anthroponym occurs in variant forms in consonance with linguistic and extra-linguistic factors. The corpus of this research was composed of 933 occurrences, obtained from interviews conducted with 16 informants, 8 male and 8 female, divided into two age groups, consisting of the 'young group', from 18 to 25, and of the 'adult group', over 60. A quantitative analysis using the statistical program Goldvarb/Varbrul (2001) was performed to analyse the corpus. The results obtained show that only the factor 'a preposition before an anthroponym' is relevant amongst the linguistic factors. The relevant extra-linguistic factors, in turn, are 'age groups' and 'public persons'.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL DA COMUNIDADE DE FALA PESQUISADA | 14 |
| 1.1 - A Zona da Mata Mineira | 14 |
| 1.2 – A cidade de Ponte Nova | 16 |
| 1.2.1 - A formação da cidade de Ponte Nova | 17 |
| 1.2.2 – Aspectos geográficos e socioculturais | 20 |
| 1.2.3 – O contato com a capital | 24 |
| 2 - O ARTIGO DEFINIDO E O ANTROPÔNIMO | 25 |
| 2.1 - O artigo definido | 25 |
| 2.1.1 - O artigo definido à luz de gramáticas tradicionais | 25 |
| 2.1.2 - O artigo definido à luz de estudos sociolinguísticos | 27 |
| 2.2 – O nome próprio | 28 |
| 3 – FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS | 32 |
| 3.1 – Língua e sociedade | 32 |
| 3.2 – Hipóteses | 35 |
| 3.3 – Objetivos | 35 |
| 3.4 - Os grupos de fatores | 36 |
| 3.4.1 –Os fatores linguísticos | 36 |
| 3.4.1.1 - Antropônimo antecedido por preposição | 37 |
| 3.4.1.2 - Circunstância em que o antropônimo é citado | 38 |
| 3.4.1.3 - Antropônimo como item de enumeração | 39 |
| 3.4.2 – Os fatores extralinguísticos | 40 |
| 3.4.2.1 – Gênero | 40 |
| 3.4.2.2 – Faixa etária | 41 |
| 3.4.2.3 – Intimidade do falante com a pessoa mencionada | 42 |
| 3.4.2.4 – Antropônimo referindo-se a pessoa pública | 43 |
| 3.5 - População e Amostra | 44 |
| 3.6 – Composição do corpus | 45 |
| 3.6.1 – A coleta dos dados | 45 |

| | |
|--|-----------|
| 3.6.2 - A codificação dos dados | 47 |
| 3.7 – Tratamento dos dados | 48 |
| 3.8 – Casos excluídos da análise quantitativa | 48 |
| 3.8.1 – Contexto precedente confunde-se com o artigo | 49 |
| 3.8.2 – Antropônimo inicia-se com /a/ ou /u/ | 49 |
| 3.8.3 – Antropônimo citado pelo entrevistador no contexto precedente | 49 |
| | |
| 4 - ANÁLISE DOS DADOS | 51 |
| 4.1 – Atuação dos fatores linguísticos | 52 |
| 4.1.1 – Antropônimo antecedido por preposição | 53 |
| 4.1.2 – Circunstância em que o antropônimo é citado | 54 |
| 4.1.3 – Antropônimo como item de enumeração | 56 |
| 4.1.4 – Conclusão da análise dos fatores linguísticos | 56 |
| 4.2 – Atuação dos fatores extralinguísticos | 57 |
| 4.2.1 – Faixa etária | 58 |
| 4.2.2 – Gênero | 59 |
| 4.2.3 – O fator intimidade | 60 |
| 4.2.4 – O fator pessoa pública | 61 |
| 4.3 – Análises complementares | 63 |
| 4.3.1 - O fator indivíduo | 63 |
| 4.3.2 - O cruzamento dos fatores gênero e faixa etária | 65 |
| 4.3.3 - Resultados com exclusão do fator pessoa pública | 65 |
| 4.4. Análises complementares | 66 |
| | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 69 |
| | |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 71 |

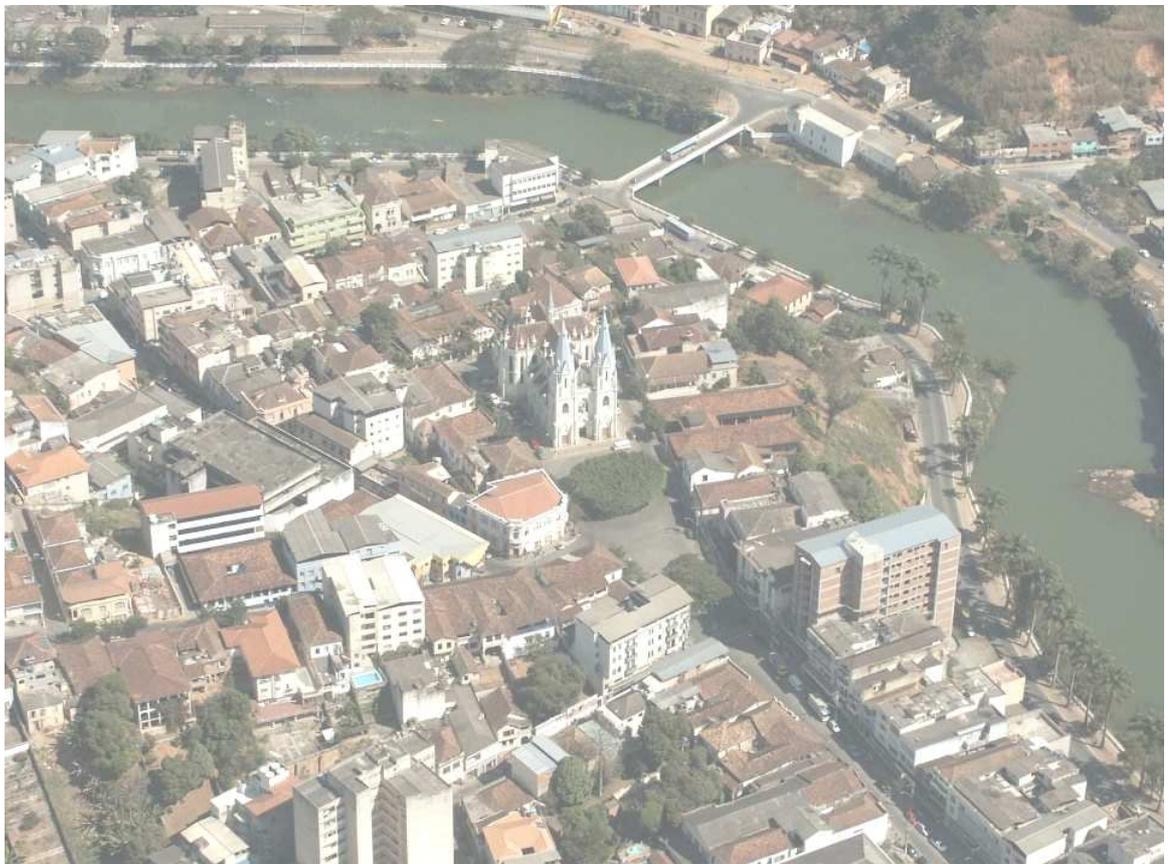


FOTO 1 - Vista aérea do centro da cidade de Ponte Nova

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa consiste no estudo da ausência/presença do artigo definido diante de antropônimo na cidade mineira de Ponte Nova e tem por objetivo verificar e analisar qual é a variante predominante e quais são os fatores linguísticos e extralinguísticos condicionantes dessa variação.

De acordo com observações não sistemáticas, considera-se que a ausência do artigo definido diante de antropônimo é mais presente na fala dos ponte-novenses do que a presença. Essa ausência mais marcante, algumas vezes, causa estranheza nas pessoas que não estão acostumadas a essa variação.

A variação ausência/presença de artigo diante de antropônimo na cidade de Ponte Nova causa, muitas vezes, dúvidas nos falantes, pois muitos questionam qual seria a forma correta de falar. Essa dúvida se dá principalmente quando a fala do ponte-novense é comparada ao falar de cidades em que a presença é mais marcante, como, por exemplo, Belo Horizonte.

Não há estudos publicados sobre o uso do artigo diante de nomes próprios pelos moradores de Ponte Nova. Portanto, este trabalho, além de se constituir em estudo inédito, servirá de referência para estudos futuros.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, serão tomados como norteadores os princípios da teoria da variação ou sociolinguística, proposta por Labov ([1972], 2008). O autor propõe que a variação pode ser condicionada por parâmetros sociais e por parâmetros linguísticos. Além de apontar que a heterogeneidade e a variação são inerentes a todas as línguas, apresenta uma metodologia eficaz que evidencia a ordem na aparente desordem ou heterogeneidade.

A seguir, será apresentada a estrutura desta pesquisa.

O primeiro capítulo apresenta uma contextualização histórico-cultural da comunidade pesquisada. Divide-se em duas seções, sendo que a primeira apresenta um breve histórico da formação da Zona da Mata, região onde a cidade de Ponte Nova está localizada. Na segunda seção, apresenta-se também um breve histórico da formação da cidade de Ponte Nova, bem como seus aspectos geográficos e socioculturais.

O segundo capítulo trata de apresentar o objeto de estudo dessa pesquisa, composto pelo artigo definido e pelo antropônimo. Em primeiro lugar, serão apresentadas análises sobre

o artigo definido à luz de gramáticos tradicionais e de estudos contemporâneos. Posteriormente, apresenta-se as considerações sobre o antropônimo.

O terceiro capítulo divide-se em seis seções nas quais são apresentados os procedimentos teórico-metodológicos. Na primeira seção, encontramos uma breve descrição de como língua e sociedade estão imbricadas; na segunda, são apresentadas as hipóteses sustentadas por esta pesquisa; os grupos de fatores, tanto linguísticos quanto extralinguísticos, são apresentados na terceira seção; a quarta seção traz os procedimentos seguidos para a constituição da amostra; a quinta apresenta a composição do *corpus* e a sexta e última constitui-se da apresentação dos casos que foram excluídos da análise quantitativa.

A análise dos dados é feita no quarto capítulo. Inicialmente, o leitor terá acesso à atuação de cada um dos fatores linguísticos e posteriormente à dos fatores extralinguísticos. São apresentadas, ainda nesse capítulo, a discussão dos resultados e as conclusões a respeito dos mesmos.

No quinto capítulo, finalmente, é apresentada a conclusão que retoma os resultados obtidos a partir da análise desenvolvida com o intuito de confirmar ou não a hipótese proposta e sugerir direções para pesquisas futuras.

1 - CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL DA COMUNIDADE DE FALA PESQUISADA

A linguagem e a sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, pode-se afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano e encontra-se diretamente ligada à questão da determinação do objeto de estudo da Linguística. O objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada em seu contexto social, em situações reais de uso, sendo assim observada, descrita e analisada. Seu ponto de partida é a comunidade linguística - um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos.

Um estudo sociolinguístico deve ser desenvolvido com a atenção voltada para a língua usada na comunidade, sem desconsiderar o contexto em que os usos linguísticos normalmente ocorrem. Dessa forma, o pesquisador deve ter como foco de sua análise e observação as situações reais de interação entre os falantes da comunidade.

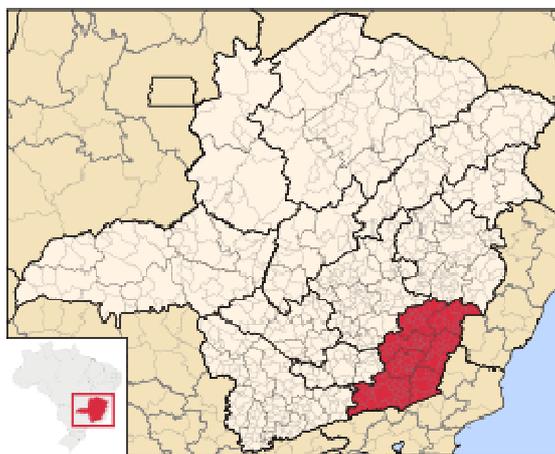
Desse modo, antes de iniciar o estudo da língua utilizada pelos membros de uma comunidade, faz-se necessário conhecer a história da formação dessa sociedade, bem como seus aspectos socioculturais.

Por essa razão, este capítulo trará um pouco da história da formação da Zona da Mata mineira, que é a região onde a cidade de Ponte Nova está localizada. Também apresentará como se deu a formação da cidade pesquisada e seus aspectos culturais.

1.1 - A Zona da Mata Mineira

A Zona da Mata está localizada a sudeste do estado de Minas Gerais, limitando-se com as microrregiões Alto Rio Grande, Campos da Mantiqueira, Espinhaço Meridional, Siderúrgica, Bacia do Suaçuí, Governador Valadares e Bacia do Manhuaçu e ainda com os estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro. É formada por oito microrregiões e 143 municípios.

FIGURA 1 - Mapa político de Minas Gerais destacando a Zona da Mata



<http://upload.wikimedia.org>

De acordo com informações obtidas no site www.asminasgerais.com.br, a densa cobertura florestal, em suas condições originais, deu origem ao nome Zona da Mata. O padrão de explorações agropecuárias que se estabeleceu na Zona da Mata no início de sua colonização acarretou contínuas derrubadas das matas, que eram, então, substituídas pelas culturas que viriam a ser as tradicionais da região. A vegetação nativa era a floresta tropical, uma expansão da Mata Atlântica das regiões serranas da vertente leste para o interior. Hoje, as matas reduzem-se a pequenas manchas e capoeiras nas encostas íngremes, foram substituídas pelos cafezais e posteriormente por pastos e outras lavouras.

A maior parte das terras da região está ocupada por pastagens naturais e artificiais (principalmente brachiárias), que suportam rebanhos bovinos predominantemente mestiços - dupla finalidade - leite / corte, distribuídos em fazendas de porte médio e pequeno.

Entre as culturas tradicionais da região, o café foi o mais importante na formação de rendas. A erradicação dos cafezais contribuiu para o esvaziamento da economia regional, ao passo que a liberação da mão-de-obra dessa atividade, não absorvida pelos outros setores, reduziu as oportunidades de trabalho, criando tensões sociais.

De acordo com Rodrigues (2003), em seu artigo *Os sertões proibidos da Mantiqueira: desbravamento, ocupação da terra e as observações do governador dom Rodrigo José de Meneses*, as incursões pelo território mineiro iniciaram-se desde o primeiro século após o descobrimento do Brasil, porém nenhuma delas promoveu o povoamento da região. De

acordo com o autor, foram as atividades de caça que concorreram para o despovoamento da região, pois provocaram o deslocamento, para as fazendas de São Paulo ou para as de criação de gado e engenhos do Nordeste açucareiro, dos silvícolas aprisionados como escravos.

Segundo o autor, a ocupação do território mineiro iniciou-se com a bandeira de Fernão Dias Paes, no final do século XVII. O sonho do bandeirante de encontrar esmeraldas levou-o aos primeiros achados do ouro e deu origem ao estado de Minas Gerais.

Rodrigues (2003) traz a informação de que as primeiras manifestações do povoamento da atual área do estado por europeus e seus descendentes deram-se em 1674, quando foram fundados os primeiros núcleos de aldeamento. Porém, o verdadeiro povoamento de Minas Gerais ocorreu somente na "última década dos seiscentos" quando Antônio Rodrigues Arzão descobriu ouro nos sertões do rio Casca.

Nos últimos anos do século XVII começou a corrida do ouro para as minas. Em pouco tempo, os descobertos auríferos foram se enchendo de gente de toda parte, sobretudo da Bahia e do Rio de Janeiro, que eram as regiões mais populosas da América portuguesa naquela época, e também de Portugal. Em poucos anos, no território até então habitado por indígenas passaram a viver pessoas das mais diversas origens e procedências.

Os caminhos encheram-se de sertanistas e aventureiros, acendendo a cobiça geral de homens de todos os estamentos e profissões pela riqueza propiciada na extração aurífera. Houve um verdadeiro *rush* desenfreado e indisciplinado, como não se vira na história americana até aquele momento.

Surgiram, da noite para o dia, povoados ao longo de caminhos sinuosos ou junto às datas de mineração, destacando-se as vilas do ouro (Mariana, Ouro Preto, Sabará, São João del Rei, Caeté, Pitangui, Serro Frio e São José del Rei). Para abastecer essas aglomerações, desenvolveu-se uma intensa rede comercial, com produtos de primeira necessidade e artigos de luxo trazidos da região portuária do Rio de Janeiro e de outras capitânicas, como São Paulo, Bahia, Pernambuco e Rio Grande (do Sul). Além da existência, desde os primeiros anos das Minas, de roças e paragens que se dedicavam à produção e escoamento de produtos agrícolas (alimentos e bebidas — notadamente aguardente), pastoris (bois, vacas e ovelhas) e têxteis (tecidos grosseiros), direcionados ao abastecimento interno da capitania mineira. (Rodrigues, 2003, p. 2)

1.2 – A cidade de Ponte Nova

Será apresentada a seguir uma breve descrição acerca dos aspectos históricos, geográficos e socioculturais da cidade de Ponte Nova/MG, a comunidade de fala analisada neste estudo.

FOTO 2: Praça de Palmeiras



FOTO 3: capivaras à beira do rio e o pontilhão de ferro ao fundo

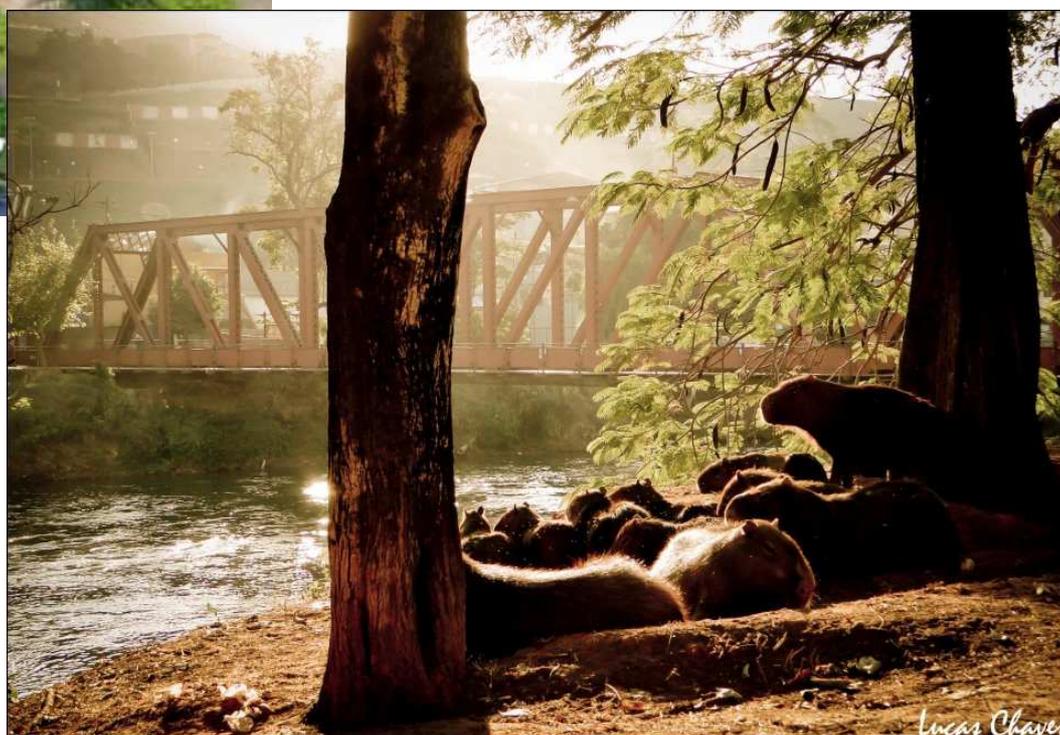


Foto de Lucas Chaves

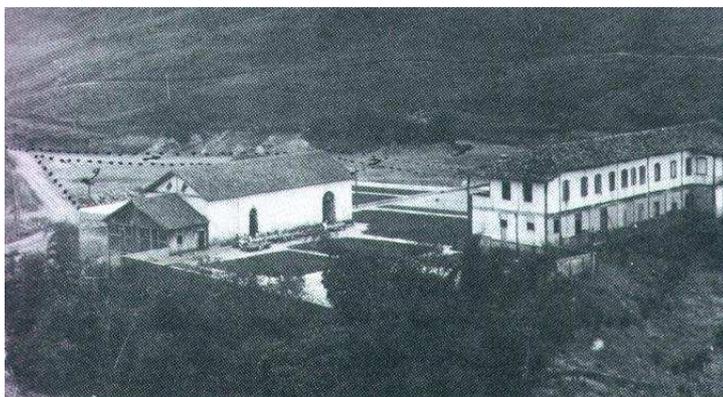
1.2.1 - A formação da cidade de Ponte Nova

Ribeiro Filho (1993), em seu livro "Ponte Nova 1770-1920: 150 anos de história" descreve a história da formação da cidade de Ponte Nova. De acordo com o autor, os primeiros habitantes da região de Ponte Nova e de seus municípios vizinhos certamente foram os índios aimorés e puris.

O autor informa que os aimorés, em maior número, na época das incursões do homem branco, também eram conhecidos como botocudos, apelido derivado do uso, que eles faziam, de botoques. Estes acessórios eram peças arredondadas, às vezes até de grandes dimensões, que fixavam nos lóbulos das orelhas e nos lábios, o que lhes conferia uma aparência particularmente assustadora. Os botocudos também se caracterizavam por sua bárbara violência. De acordo com Ribeiro Filho (1993), consta na história que esses indígenas tinham o costume da antropofagia, atacando impiedosamente quer uma aldeia dos puris ou dos goitacases, seus adversários tradicionais, quer uma caravana de viajantes ou, mesmo, as fazendas dos colonizadores, destruindo, com fogo, tudo o que encontravam em seu caminho; depois se regalavam, em lutas cerimônias andrófagas, com seus prisioneiros.

O efetivo povoamento da zona urbana da cidade iniciou-se em 1770, em torno de uma pequena capela erguida pelo proprietário da antiga fazenda de Vau-Açu, também denominada Ponte Nova, o padre João do Monte de Medeiros. Em honra a São Sebastião e Almas foi erguida uma igrejinha que foi benta, paramentada e aberta à visitação em 1771. Constituiu-se, então, um arraial ao redor que foi se desenvolvendo e, em 1832, elevado à categoria de paróquia. O crescente número de famílias que ali iam se estabelecendo, somado à grande quantidade de índios, possibilitou o impulso da região. Assim, criou-se o município em 1857, emancipando-se de Mariana.

FOTO 4 - Fazenda Vau-Açu (vista dos fundos) construída por volta de 1768



<http://www.pontenet.com.br/pontenova/primeiros.html>

FOTO 5 - Fazenda Vau-Açu, nos dias de hoje conhecida como fazenda Santa Helena.



Foto: Ana Luiza Dias

Em 26 de abril de 1863 a cidade foi elevada à categoria de vila e em 30 de outubro de 1866, elevada à cidade.

A região de Ponte Nova tinha o vale do rio Doce como porta natural; era por ele que chegavam os primeiros exploradores, vindos da Bahia, à procura da foz desse grande rio. De acordo com Ribeiro Filho (1993), sabe-se que Sebastião Fernandes Tourinho tinha subido o rio Doce até a sua origem. Porém, não se sabe qual das nascentes o bandeirante considerou, àquela época, como a "origem do rio Doce" - a do Piranga, a do Carmo ou a do Xopotó. Hoje considera-se, como origem do rio Doce, a união dos rios Piranga, Carmo e Xopotó, a poucos quilômetros do sul de Ponte Nova.

J. Capistrano de Abreu, em "*Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*", afirma que Fernandes Tourinho teria subido o rio Doce até junto ao "Cuité". Já Johann Moritz Rugendas, ilustre desenhista, pintor e gravador alemão, em seu livro "*Viagem Pitoresca através do Brasil*" (1835), afirma que Sebastião Fernandes Tourinho foi o primeiro português que, da costa, penetrou o interior do país. Informa que ele partiu, em 1573, de Porto Seguro, subiu o rio Doce até as proximidades de Vila Rica, passando, portanto, inevitavelmente, pela região de Ponte Nova.

Muitas fazendas, nos 30 anos finais do século XVIII, foram sendo instaladas e povoadas por aqueles que deixavam a região do ouro de Mariana e Ouro Preto. Pois, na época da fundação de Ponte Nova, a exploração do ouro já estava em franco declínio, então os mineiros tiveram que procurar outras atividades. Com isso, os garimpeiros começaram a deixar as regiões onde o ouro acabava e passaram a exercer atividades como extração do diamante, cultivo da lavoura e criação de gado.

O plantio da cana, em 1785, tornara-se comum entre os fazendeiros da região. Com isso, o arraial surgia através de um pequeno núcleo habitacional formado em volta da capela, com moradias de maior porte e mais sólidas. Porém, não havia, entretanto, um planejamento a ser obedecido, e as casas surgiam de forma desordenada. Escolhia-se o local para construir a casa, tratava-se com a Igreja a respeito da posse do terreno e levantava-se a construção, sem maiores preocupações com um projeto urbano preestabelecido.

Diante das investidas dos aimorés, os moradores se organizavam e, em pouco tempo, começaram a se impor. Ainda no século XVIII, um grupo numeroso e ferocíssimo de índios atacou o arraial. Três casas e a capela foram incendiadas.

O padre Francisco Soares de Araújo foi o responsável pela reforma do templo. Ele já tinha seu nome ligado ao lugar, pois, no ano de 1770, foi um dos procuradores que

representaram o padre João do Monte no processo de doação das terras à Capela de São Sebastião e Almas da Ponte Nova.

Os índios puris, mais pacíficos, aproximaram-se do colonizador e até o início do século XIX mantinham aldeamentos bem próximos do povoado. Duas dessas maiores aldeias situavam-se no local onde hoje é o Bairro do Pacheco e no alto do Morro do Pau D'alto, onde está construído o Colégio Dom Helvécio.

Por volta de 1782, o número de viajantes que passavam por Ponte Nova aumentou depois que foi aberta uma estrada para as paragens da Serra dos Arrepiados (Araponga-MG). O caminho foi melhorado em direção ao rio Doce, assim como foi construída uma ponte sobre o rio Piranga, em substituição à anterior, arrancada por grandes chuvas.

Quando ocorreu a fundação do povoado, em 1770, pelo menos trinta famílias já haviam se instalado, em suas fazendas, próximo da capela construída pelo padre João do Monte Medeiros. A partir daí, no decorrer dos anos, muitas outras famílias foram se transferindo para Ponte Nova. E elas contribuíram para a definitiva formação do lugar e tiveram participação decisiva no crescimento e progresso da região.

Um Decreto de 14 de julho de 1831, da Regência Trina, sancionou uma Resolução da Assembleia-Geral, elevando o Curato da Ponte Nova à categoria de Paróquia. Como Paróquia, Ponte Nova permaneceu durante trinta anos como Distrito de Ordenanças, com o poder, então, dividido entre os capitães e os párocos.

Em 1862 é instalada a Vila e Ponte Nova torna-se sede de município.

Portanto, a verdadeira emancipação política e administrativa de Ponte Nova ocorreu por ocasião de sua investidura na categoria de Vila ou Município. Naquela época, o título de Cidade era de muito pouca importância.

1.2.2 – Aspectos geográficos e socioculturais

A cidade de Ponte Nova está localizada na Zona da Mata mineira, a 190 km da capital Belo Horizonte, e tem uma população, de acordo com o censo 2010, realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), de 57.390 habitantes, sendo que 51.185 desses habitantes estão na zona urbana e 6.205 na zona rural.

O município integra a bacia do rio Doce, sendo banhado por um de seus principais formadores, o rio Piranga.

De acordo com informações do site do IBGE, a agricultura e o comércio constituíram por muitos anos as principais ocupações dos habitantes. Em 1860, foi introduzido no Município o primeiro engenho de açúcar com moenda horizontal de ferro. Em 1885, inaugurou-se a Usina Ana Florência, o primeiro Engenho Central, ou Usina de Açúcar, de Minas Gerais, que foi um dos mais importantes empreendimentos em terras de Ponte Nova, com expressiva produção de açúcar e álcool. A usina foi desativada por volta de 1990.

A cidade teve mais quatro usinas de álcool e açúcar, que foram instaladas no século XX, são elas: Usina Jatiboca, em 1920; Usina do Pontal, em 1935; Usina São José, em 1935; e Usina Santa Helena, em 1940.

A única que está em funcionamento até os dias de hoje é a Usina Jatiboca.

Em 1951, foi fundada em Ponte Nova a empresa Bartolomeu Cordeiro e Filhos Ltda. Em 1958 a empresa já possuía oito lojas de varejo em Ponte Nova e região. No início da década de 70, iniciou suas atividades no setor industrial. Em 1982, a empresa atacadista atuava com o nome de Bartofil. Em 2004, construiu o Centro de Distribuição e mudou sua razão social para BCR Comércio e Indústria S/A. Sempre ajustando suas velas aos novos desafios que encontrou pela frente, transformou-se, de uma pequena rede regional com oito lojas em 1958, em um atacadista com atuação nacional e internacional.

Um dos mais recentes empreendimentos no município ocorreu em março de 2000 com a inauguração do Frigorífico Industrial Vale do Piranga S/A (SAUDALI), com o que há de mais moderno em se tratando de controles na produção de alimentos, desde a granja de origem até o produto final. É o quarto maior pólo produtor de suínos do Brasil e o maior do Estado de Minas Gerais, resultado da parceria inédita de 52 produtores de suínos, que saíram da condição de concorrentes para se tornarem sócios acionistas, em uma união histórica com o objetivo de agregar valor a sua matéria-prima. Em 2004, iniciou suas vendas para o mercado externo, inicialmente para os países relacionados na Lista Geral do Ministério da Agricultura. Em 2005 é vistoriado por agentes sanitários representantes da Rússia e passa a exportar para aquele país. Hoje, exporta para os seguintes países: África do Sul, Argélia, Argentina, Armênia, Bulgária, Cazaquistão, Chile, China, Cingapura, Colômbia, Cuba, Japão, Moldávia, Paraguai, Rússia, Suíça, Ucrânia, Uruguai e Uzbequistão.

Atualmente, a cidade não possui muitas opções de lazer, porém, entre os anos 50 e 90 do século passado, já contou com três cinemas (Cine Palmeiras, Cine Vitória e Cine Brasil). O espaço do primeiro foi transformado em loja, do segundo em igreja evangélica e o terceiro foi demolido para a construção da sede da Ordem dos Advogados do Brasil – OAB.

Nos dias de hoje, a cidade possui apenas dois espaços para exibição de filmes que foram inaugurados no ano de 2011. Tem-se o Cineco, uma sala para 40 pessoas, que funciona no prédio da Secretaria Municipal de Educação, e a outra, com capacidade para 200 pessoas, funciona na nova sede da OAB, recentemente inaugurada no centro da cidade.

Na área da Educação, a cidade possui dois estabelecimentos de nível superior, que são a Universidade Presidente Antonio Carlos – Unipac - e a Faculdade Dinâmica. Juntas, as duas oferecem os seguintes cursos: Administração, Educação Física, Matemática, Pedagogia, Enfermagem, Farmácia, Ciências Contábeis e Direito. Nos demais níveis, educação infantil, fundamental, médio e profissionalizante, são vinte e cinco escolas municipais, oito estaduais e dez particulares.

No campo da saúde, o município de Ponte Nova é referência regional. Possui dois hospitais que prestam serviços de alta e média complexidade e atendem municípios de mais de 35 cidades, totalizando uma população de mais de 400 mil habitantes.

No aspecto cultural, a cidade pode ser considerada dinâmica, se for levado em consideração o seu pequeno porte. Acontecem anualmente vários festivais, sendo os principais: De Inverno, De Teatro de Ponte Nova (Festpon), De danças do “Studio de Artes Núcleo de Danças”. Ainda acontecem anualmente a Feira de Artesanato (Expotalentos), a Exposição Agropecuária e o Encontro Nacional de Motociclismo. Também, como opção de lazer, ocorrem durante o ano várias cavalgadas nos distritos da cidade.

O teatro é algo que ressurgiu na cidade há alguns anos com muita força, hoje pode-se contar com pelo menos dois grupos estruturados: Naed e Teatro Oficina de Bolso.

A cidade possui duas corporações musicais, União 7 de Setembro e Santíssima Trindade, que se apresentam sempre no primeiro domingo de cada mês, na Praça de Palmeiras, principal praça da cidade.

A cidade é ainda famosa por seus personagens ilustres como Reinaldo do Galo, ex-ministra Dorotéia Werneck, os irmãos Tunai e João Bosco, todos nascidos em Ponte Nova. Podemos citar também a dupla sertaneja Victor e Leo, que foram criados em Abre Campo, mas nasceram em hospital ponte-novense. A produção de goiabada e de cachaça também faz com que a cidade seja nacionalmente conhecida.

FOTO 6 – Show Tunai em Ponte Nova (2010)



Foto: João Mattos

FOTO 7 - João Bosco em Ponte Nova (2009)



Foto: João Mattos

Em relação às questões religiosas, não se tem dados oficiais, mas, como a maioria das pequenas cidades brasileiras, a maior parte da população pertence à religião católica. A igreja Matriz de São Sebastião, além de ser o templo católico mais antigo e mais visitado da cidade, é também ponto turístico do município.

FOTO 8 – Matriz de São Sebastião



<http://www.pontenet.com.br/principal/principal/frame.php>

FOTO 9 - Matriz de São Sebastião atualmente



Foto: João Mattos

Encontramos também na cidade uma presença muito marcante de religiões evangélicas tendo várias igrejas espalhadas pelos bairros periféricos e centrais. Os kardecistas também se fazem presentes, realizando suas reuniões em quatro casas espíritas presentes na cidade.

1.2.3 – O contato com a capital

O grande centro urbano mais próximo da cidade é a capital Belo Horizonte, que está a 190 km de Ponte Nova. O contato com a capital é constante, principalmente no que se refere à saúde e à educação.

A Prefeitura transporta, todos os dias, doentes e pessoas que necessitam de exames mais complexos para realizá-los nos hospitais belo-horizontinos. Não raramente, algumas pessoas, principalmente aquelas de melhor poder aquisitivo, procuram Belo Horizonte para estudar ou para opções de lazer, como cinema, teatro, shows e até mesmo para realizarem compras.

2 - O ARTIGO DEFINIDO E O ANTROPÔNIMO

2.1 - O artigo definido

Nesta seção, serão abordados os conceitos que os gramáticos tradicionais apresentam a respeito do uso do artigo definido diante de antropônimo. Também será apresentada uma revisão bibliográfica de trabalhos que analisam o artigo definido diante de antropônimo à luz da Sociolinguística.

2.1.1 - O artigo definido à luz de gramáticas tradicionais

Ao tratar da origem do artigo, Lausberg¹ (1966, apud Mendes, 2000, p. 30) informa que a sua função identificadora tem origem no pronome IPSE, que "era especialmente apto para ser empregado como artigo". De acordo com o autor, a função demonstrativa do artigo provém do pronome demonstrativo ILLE. Esse pronome era "singularmente apropriado para ser empregado como artigo, pois referia-se a um indivíduo que se encontrava fora do campo falante-ouvinte, ou seja, referia-se a um sujeito ausente."

Segundo Mendes (2000), muitas línguas da família românica optaram pela forma ILLE para categoria do artigo definido, e outras, pela forma IPSE. A autora expõe que

é difícil precisar, na linha do tempo, o aparecimento do artigo definido; acredito, no entanto, ser possível marcar qual estágio da língua propiciou a manifestação desta classe. [...] acredito que as raízes do artigo estejam ligadas ao latim vulgar, e o seu estado pleno foi-se desenvolvendo a partir da formação das línguas românicas. (Mendes, 2000, p.41)

Gramáticos tradicionais de diferentes épocas definem *artigo* como a palavra que antecede o substantivo para determiná-lo ou indeterminá-lo. Assim, os artigos definidos *o, a, os, as* marcam a determinação, e os artigos indefinidos *um, uma, uns, umas* marcam a indeterminação do referente em relação ao falante ou ao ouvinte.

Dessa forma, Celso Cunha (1971) postula que o artigo definido é a palavra anteposta ao substantivo para indicar que se trata de um ser claramente definido. De acordo com o

¹ LAUSBERG, Heinrich, *Linguística românica - Morfologia*, Madrid, Gredos, 1966.

autor, o nome próprio, sendo por definição individualizante, deveria dispensar o artigo. "Mas, no curso da história da língua, razões diversas concorreram para que esta norma lógica nem sempre fosse observada e, hoje, há mesmo grande número de nomes próprios que exigem obrigatoriamente o acompanhamento do artigo definido." (Cunha, 1971, p.156)

Ainda segundo Cunha (1971), os nomes próprios, sejam de batismo ou de família, não levam artigo, principalmente quando antepostos a personagens muito conhecidos. De acordo com o autor, há quatro casos em que o artigo definido poderia ser usado com nomes de pessoas: i) quando o nome vem precedido de qualificativo; ii) quando o nome vem acompanhado de determinantes denotadores de um aspecto, época ou de uma circunstância da vida do indivíduo; iii) quando se pretende atribuir ao nome próprio um sentido depreciativo; iv) quando o nome de pessoa vem no plural.

O autor traz ainda algumas observações em relação ao uso do artigo definido: uma delas informa que "na linguagem popular e no trato familiar é muito frequente a anteposição do artigo definido a nomes de pessoas, o que lhes dá, como dissemos, um tom de afetividade ou de familiaridade" (Cunha, 1971, p.157).

Faraco e Moura (1996) corroboram o posicionamento de Cunha (1971) em relação ao uso do artigo definido, pois, para os autores, o artigo definido é empregado geralmente quando o ser em questão já foi mencionado anteriormente ou já é conhecido.

De acordo com Faraco e Moura (1996), diante de nome de pessoa no singular, o artigo pode ou não ser empregado. Para os autores, o uso do artigo diante de antropônimo está ligado a questões diatópicas, pois, "em muitas regiões do Brasil e de Portugal, o emprego do artigo definido antes de nome de pessoa confere um certo tom de familiaridade ou afetividade." (Faraco e Moura, 1996, p. 187).

De acordo com Bechara (2004, p. 154), um dos usos do artigo definido seria para denotar familiaridade quando usado junto aos nomes próprios. Bechara (2004, p. 154) ainda faz uma observação dizendo que

O uso mais frequente, na linguagem culta, tendo em vista o valor já de si individualizante, dispensa o artigo junto a nomes próprios de pessoas, com exceção dos que se acham no plural. É tradição ainda só antepor artigo a apelidos: *o* Camões (...) Modernamente tem-se estendido a presença do artigo antes dos nomes de escritores, artistas e personagens célebres, principalmente quando usado em sentido figurado: *o* Dante, *o* Torquato (...) (Bechara 2004, p. 154-155)

2.1.2 - O artigo definido à luz de estudos sociolinguísticos

Numa breve definição sobre o artigo definido, Callou e Silva (1997) afirmam que o artigo costuma ser definido como a palavra que se antepõe aos substantivos para indicar que se trata de um ser já conhecido do leitor ou ouvinte, seja por ter sido mencionado antes, seja por ser um objeto de experiência. O interesse dessas autoras no fenômeno do uso do artigo diante de nomes próprios de pessoas direciona-se especificamente para sua evolução através do tempo. As autoras observaram que o uso do artigo definido diante de antropônimos cresceu gradativamente a partir do século XIV até os dias atuais, apresentando um processo significativo de aumento nos três últimos séculos.

Moisés (1995) estudou o artigo no discurso e atentou para a presença do artigo definido diante de nome próprio. De acordo com a autora, no item *Conversas Espontâneas*, em mais de 70% das ocorrências, os nomes próprios eram precedidos por artigo definido. Desse número de ocorrências de nomes próprios, a grande maioria - 85% - é representada por antropônimos. Moisés (1995, p. 107) diz que se ateve aos antropônimos “por se encontrarem, segundo as gramáticas tradicionais do português, entre os casos de ocorrência facultativa do Art Def (artigo definido)”.

Neves (2000), na sua definição de artigo, confirma-nos que ele é usado para preceder substantivo e que “em geral, em sintagmas em que estão contidas informações conhecidas tanto do falante como do ouvinte”. Informa ainda que o que vai determinar sua presença, além da intenção do falante, é o modo como ele quer comunicar uma determinada experiência. “O uso do artigo é, pois, extremamente dependente do conjunto de circunstâncias, linguísticas ou não, que cercam a produção do enunciado.” (Neves, 2000, p.391)

De acordo com Llorach² (1967, apud Mendes, 2000, p. 58), no espanhol, exceto em uso arcaizante e vulgares ou dialetais, o sintagma nominal – nomes próprios – é “imóvel” em relação ao artigo, ou seja, na modalidade escrita o nome próprio não se apresenta sem o artigo. O autor considera que o nome próprio contém em si os valores que o artigo confere ao nome comum. Para exemplificar, utiliza as seguintes sequências: ‘são brinquedos de criança’ e ‘são brinquedos da criança’, e diz que somente a segunda poderia ser substituída por um nome próprio: ‘são brinquedos de Juanito’. Dessa forma, Llorach (1967, apud Mendes 2000, p.58) conclui que “pode-se pensar que o papel do artigo consiste em transportar os nomes comuns à categoria dos nomes próprios.”

² LLORACH, Emilio Alarcos, 'El artículo en español' In: *Estudios de Gramática Funcional del Español*. Madrid: Gredos, 1967, p. 167-177.

De acordo com Amaral (2003), ao analisar a ausência/presença de artigo em três localidades mineiras: Campanha, Minas Novas e Paracatu, o artigo definido diante de antropônimo é um fenômeno que já chamou a atenção de vários autores, mas poucos foram os trabalhos que tentaram oferecer uma descrição para o assunto. Esses trabalhos limitam-se a dizer apenas que o antropônimo pode ocorrer articulado ou desarticulado.

Alves (2008), em seu trabalho intitulado "Um estudo sociolinguístico da variação sintática ausência/presença de artigo definido diante de antropônimo na fala dos jovens de Barra Longa/MG que residem em Belo Horizonte", afirma que maioria dos estudiosos do português arcaico preocupa-se com o artigo apenas do ponto de vista morfológico e que, sob essa perspectiva, o artigo é visto como uma categoria gramatical que se junta ao substantivo para formar um grupo nominal, ou seja, o artigo funciona como determinante do substantivo, indicando o seu gênero e o seu número, o que justifica o fato de alguns estudiosos considerarem o artigo como expressão de uma categoria do nome – a categoria da determinação.

Almeida Mendes (2009), em seu estudo denominado "A ausência ou a presença de artigo definido diante de nomes próprios na fala dos moradores da zona rural de Abre Campo e Matipó – MG" apregoa que as gramáticas tradicionais não acrescentam nada de novo ao tentarem definir o artigo. A autora observa que a grande maioria dos gramáticos ressalta apenas, sem deixar claro, o tema da determinação ou indeterminação e também a variação em número e gênero. De acordo com a autora, muitos gramáticos explicam o uso do artigo diante de nome próprio tomando por base a intimidade com relação à pessoa referida. Porém, surge um problema em relação à questão da intimidade - os gramáticos não entram num consenso para dizer se essa intimidade estaria ligada ao falante ou ao ouvinte.

2.2 – O nome próprio

Esta seção tratará do item “antropônimo” que compõe junto com o artigo definido o foco deste estudo. Os antropônimos estão inseridos na classe gramatical dos substantivos e são classificados como substantivos próprios. A seguir, será apresentado o que alguns gramáticos afirmam sobre o assunto.

Cunha (1971, p. 121) conceitua substantivo como sendo a "palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral". Os substantivos classificam-se em comuns e

próprios. Aqueles são aplicados a todos os seres de uma espécie; estes são aplicados a determinados indivíduos de uma espécie. Como exemplo, o autor cita como comuns os substantivos *homem*, *país* e *cidade*. E os substantivos próprios poderiam ser exemplificados pelas palavras *Pedro*, *Brasil* e *Paris*, pois se aplicam a um determinado homem, a um determinado país e a uma determinada cidade.

Faraco e Moura (1996) não divergem da definição citada de Cunha (1971), pois conceituam o substantivo como a palavra que dá nomes aos seres. E os substantivos próprios seriam aqueles que nomeiam um ser entre outros da mesma espécie.

Bechara (2004), em comparação aos gramáticos citados acima, nos fornece um conceito mais aprofundado para substantivo. Para o autor substantivo

é a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos *objetos substantivos*, isto é, em primeiro lugar, substâncias (*homem*, *casa*, *livros*) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (*bondade*, *brancura*), estados (*saúde*, *doença*), processos (*chegada*, *entrega*, *aceitação*). (Bechara, 2004, p. 112)

Para Bechara (2004), a divisão dos substantivos em *próprios* e *comuns* pertence a planos diferentes. O substantivo comum "se aplica a um ou mais objetos particulares que reúnem características inerentes a dada classe" (Bechara, 2004, p. 113).

O substantivo próprio mereceu, por parte do autor, uma explicação mais detalhada. O autor inicia dizendo que o substantivo próprio "é o que se aplica a um objeto ou a um conjunto de objetos, mas sempre individualmente." (Bechara, 2004, p. 113). Nomes próprios só acidentalmente se aplicam a várias pessoas ou lugares e não porque teriam características comuns que os identificassem como membros de uma classe. Para Bechara (2004), os antropônimos e os topônimos são os substantivos próprios mais importantes.

Jespersen (1965, *apud* Mendes, 2000, p.54), ao contrário de alguns autores, afirma que os nomes próprios são dotados de significação e justifica dizendo que tal como são usados na realidade conotam um grande número de atributos, sendo necessário levar em conta o valor contextual de uma situação particular em que o nome é falado ou escrito.

Dubois *et alii*³ (1998, *apud* Mendes, 2000, p.53) chamam nome próprio a uma subcategoria de nomes formada de termos que, semanticamente, referem-se a um objeto extralinguístico, específico e único, destacado por sua denominação dos objetos da mesma

³ DUBOIS, Jean et alii. *Dicionário de Linguística*, São Paulo: Cultrix, 1998.

espécie. Consideram que um nome próprio não possui outra significação senão a do nome dele próprio.

Para Lyons (1977, p.178), a relação que existe entre um nome próprio e o seu portador é muito diferente da relação existente entre um nome comum e o que ele denota. Afirma que umas das questões mais debatidas não só entre filósofos, mas também entre linguistas, é saber se os nomes têm um sentido. Para o autor, a perspectiva filosófica mais aceita é que “os nomes podem ter referência, mas não sentido e não podem ser usados predicativamente enquanto nomes próprios”. Com esse posicionamento, Lyons (1977) confronta a afirmação de Jespersen (1965, apud Mendes, 2000, p.54) citada acima, dizendo que este pode ter se aproveitado de um equívoco que ocorre entre sentido filosófico e o sentido mais corrente de “conotação”.

Usando o termo “conotação” no sentido não-filosófico, como parece que Jespersen faz, não há dúvida de que muitos nomes próprios têm conotações, ou associações, muito específicas. As conotações que uma pessoa associa a um nome podem ser diferentes das conotações que outra pessoa associa ao mesmo nome, até nos casos em que ambas as pessoas utilizam esse nome para se referirem ou dirigirem ao mesmo indivíduo (ou conjunto de indivíduos). Quando o portador do nome é um lugar ou pessoa histórica, política ou culturalmente proeminente, é possível que as conotações que lhe são associadas sejam relativamente constantes entre os membros de uma comunidade linguística dada que partilhem a mesma cultura (cf. Cícero, Atenas, Judas, Napoleão, Camões, etc). E se lhes pedisse que dissessem o que sabem ou crêem acerca do portador do nome, seria de esperar que fornecessem um conjunto de descrições de identificação: *Cícero foi o maior orador romano, Cícero foi o autor das Verrinas, ou Cícero denunciou Catilina no Senado*, etc. (Lyons 1977: 180-81)

Como se vê, o tratamento dos nomes próprios envolve uma série de questões, principalmente quando se leva em conta variantes de nomes como apelidos e hipocorísticos.

De acordo com essas variantes, Amaral (2011) em seu artigo *Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro, propõe uma classificação para os nomes próprios*. O autor inicia dizendo que a classe dos nomes próprios é bastante diversificada em relação aos itens nominais. Os antropônimos, apesar de se constituírem uma subclasse dos nomes próprios, não têm uma classificação homogênea.

Diante disso, propõe que os antropônimos sejam divididos em dois grupos, sendo o grupo 1 chamado ortônimo e o 2, alônimo.

O grupo dos ortônimos define-se como o nome civil, o nome que consta no registro civil e divide-se em dois subgrupos: i) prenome, "ou primeiro nome, é o antropônimo que antecede o sobrenome. Geralmente distingue o indivíduo dentro de grupos sociais de sua intimidade" (Amaral, 2011, p. 70); ii) sobrenome, "sucedem o prenome. Também é denominado nome de família. Gealmente, é transmitido de pais para filhos" (Amaral, 2011, p. 70).

O grupo dos alônimos compõe-se por aqueles que não correspondem aos nomes oficiais, não estão no registro civil. Subdividem-se em: i) hipocorísticos são aqueles formados por uma alteração morfológica de outros sobrenomes. ii) apelido ou acunha "é atribuído ao indivíduo geralmente por outra pessoa. Alude a uma característica física ou intelectual e pode ou não ser depreciativo" (Amaral, 2011, p. 72); iii) pseudônimo ou codinome é usado no lugar do nome civil, distingue-se do apelido pelo fato de ser escolhido pelo portador do antropônimo; iv) heterônimo ocorre quando o portador do antropônimo cria o nome de um indivíduo fictício; v) nome artístico ou nome de palco é o nome pelo qual a pessoa é conhecida em sua atividade profissional; vi) nome de guerra "em princípio, o nome de guerra poderia ser confundido com o nome artístico. Mas ele tem uma abrangência maior, na medida em que não se aplica somente ao meio artístico - parece ser comum no âmbito militar, entre outros." (Amaral, 2011, p. 75)

Neste trabalho, foram considerados todos os nomes utilizados para se referirem a pessoas.

3 – FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

3.1 – Língua e sociedade

Labov (2008), no capítulo *O quadro social da mudança linguística*, considera que os estudos da mudança linguística no contexto social até aquele momento haviam sido tratados de forma incorreta; muitas vezes, esses estudos eram vagos ou equivocados e levaram alguns linguistas a afirmarem que era melhor deixá-los de lado. De acordo com o autor, são sérias as consequências de se evitar o estudo da mudança linguística em sua dimensão social.

Diante disso, são levantadas pelo autor três questões: se as funções expressivas e diretivas da linguagem são determinantes importantes da mudança; se as regras altamente abstratas da gramática podem ser afetadas por forças sociais; e se a evolução linguística é inteiramente disfuncional. O autor apresenta dados de mudança em progresso para mostrar como as mudanças linguísticas podem ser encaixadas em um contexto social, como elas são avaliadas, e como a mudança pode ser ativada em um tempo e lugar particulares.

Segundo Labov (2008), ninguém negaria a importância de conquistas, invasões e imigrações maciças no conseqüente desaparecimento, sobreposição ou fusão de línguas. A questão era, portanto, não a importância dos fatores sociais, mas se eles estavam profundamente envolvidos na maioria dos processos sistemáticos da mudança fonológica e gramatical. Ressalta que quando se decide engajar no cenário social da mudança linguística faz-se necessário que antes se resolvam três sérias questões.

A primeira dessas questões é chamada pelo autor "O lugar da variação social", através da qual se pergunta se a variação social e estilística da língua tem um papel importante na mudança linguística. Para o autor, variação estilística e social pressupõe a opção de dizer a mesma coisa de diferentes formas, isto é, as variantes são idênticas em sua referência ou em seu valor de verdade, mas são opostas em seu valor social e/ou significado estilístico. Portanto, a resposta para essa questão é positiva.

A segunda, denominada "O nível de abstração", considera se o nível das regras abstratas da fonologia e gramática pode ser afetado por fatores sociais. Labov responde dizendo que mesmo que fatores sociais alterem profundamente a fonética e o vocabulário da língua, ainda pode-se afirmar que a mudança linguística em regras de nível mais alto é apenas um reajustamento interno, nem de longe relacionado ao contexto social imediato.

À terceira e última questão, Labov chamou "a função da diversidade". Nesta, pergunta se "há alguma função adaptativa para a diversidade linguística", pois a diversificação da língua não é imediatamente e obviamente funcional, como a diversificação das espécies pode ser. O ser humano não é beneficiado por nascer capaz de entender, por exemplo, o russo e o aprendizado de outras línguas não parece ser necessário para a nossa sobrevivência. Deve-se considerar a possibilidade de que a diversidade linguística é disfuncional.

Labov (2008) pontua que se tem poucas informações sobre as sociedades nas quais as maiorias das mudanças linguísticas ocorrem. Devido a isso, as únicas soluções plausíveis para os problemas da mudança linguística acima citados (o lugar da variação, o nível de abstração e a função da diversidade) estão no estudo da mudança em progresso. O autor levanta a questão de que não se tem como acompanhar os passos de mudança que se deram no passado. Mas que, levando-se em conta o *princípio da uniformidade*, podemos fazê-lo, porque esse princípio postula que as forças e restrições que impulsionam as mudanças linguísticas em curso são as mesmas que impulsionaram as mudanças já concluídas.

Não se pode dizer que uma língua mudou apenas quando um grupo de falantes usa um padrão diferente. Essa mudança só é concretizada quando passa a ser adotada pelos outros, ou seja, nas palavras do autor "quando é propagada".

Labov levanta a questão de que não se pode estudar as mudanças linguísticas sem se considerar as diferentes classes sociais e que elas podem ser diferenciadas por associação com um grupo étnico particular, e que vários grupos étnicos podem tratar a mesma variável de diferentes formas. O autor lembra também a importância, no estudo da mudança linguística, da identidade local, que é um parâmetro da sociedade extremamente importante, pois se caracteriza como uma categoria de pertencimento, sobre a qual não é fácil afirmar algo e obter resultados.

Os diferentes falares sempre despertam o interesse das pessoas. É bastante comum ouvirmos comentários e julgamentos sobre as diferenças de uso das línguas. Essas diferenças estão ligadas a vários fatores, não só linguísticos, mas também sociais. Diante disso, serão apresentados os posicionamentos de alguns autores em relação à variação e mudança linguísticas. Vale ressaltar que, esses autores retomam os postulados propostos por Labov.

Na definição de Mollica (2003), a Sociolinguística "estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais" (Mollica, 2003, p.9).

A heterogeneidade linguística só pode ser percebida quando a atenção está voltada para a língua utilizada pelos falantes. De acordo com Mollica (2003), a Sociolinguística é

umas das subáreas da Linguística que tem como foco justamente o estudo da língua no seio das comunidades de fala e utiliza-se de uma investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Essa ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre línguas e sociedade, focalizando os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. Todas as línguas são heterogêneas, pois apresentam um dinamismo inerente. Porém, cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático.

Na realidade, a diversidade é uma propriedade funcional e inerente aos sistemas linguísticos e o papel da Sociolinguística é enfocá-la como objeto de estudo, em suas determinações linguísticas e não linguísticas.

Segundo Mollica, apesar dessa variedade presente nas línguas, elas apresentam contraparte fixa e heterogênea de forma a exibir unidade. Pois todo sistema linguístico encontra-se sujeito à pressão de duas forças que atuam no sentido da variedade e da unidade. De um lado, o impulso à variação e possivelmente à mudança; de outro, o impulso à convergência, base para a noção de comunidade linguística.

De acordo com Naro (2003), devemos levar em conta que o pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade linguística, assim como a homogeneidade, não é aleatória, mas regulada por um conjunto de regras. O autor pressupõe que, na língua, variantes podem estar em competição, pois ora pode ocorrer uma, ora pode ocorrer outra. Diante desse quadro, o autor constata que há um problema central que se coloca para a Teoria da Variação, que é a avaliação do *quantum* com que cada categoria postulada contribui para a realização de uma ou de outra variante das formas em competição. Pois, na prática, a operação de uma regra variável é sempre o efeito da atuação de vários fatores.

Considerando a afirmativa de Tarallo (2000, p.8) de que “em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação”, pode-se considerar o objeto de estudo desta pesquisa, a ausência/presença de artigo diante de antropônimo, como um caso de variação, pois, encaixa-se no conceito do que Tarallo chama de variantes linguísticas, “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade.” E, no caso deste estudo, em observações preliminares foi constatado que essa ausência do artigo não é arbitrária, ou seja, há momentos nos quais pode-se notar também a presença do mesmo diante de nome próprio na fala dos ponte-novenses. Cabe a este estudo analisar em quais eventos e contextos linguísticos se dá essa ausência/presença.

A variação linguística pode ocorrer em dois eixos: o diatópico e o diastrático. No primeiro, a variação manifesta-se regionalmente, considerando os limites físico-geográficos, e no segundo, manifesta-se de acordo com os estratos sociais. Esta pesquisa leva em consideração esses dois eixos, pois se limita a investigar a fala dos ponte-novenses da zona urbana levando em conta e analisando alguns fatores sociais.

Ao se escolher o objeto de observação, "o sociolinguista pode deter-se em algumas famílias, ou em um grupo de indivíduos em relação mais ou menos estreita, ou ainda em uma comunidade maior." (Silva, 2003, p.117) A escolha do grupo a ser entrevistado depende, entre outros fatores, do objeto a ser pesquisado. Silva (2003) afirma que, independentemente da decisão tomada quanto à escolha do grupo a ser entrevistado, é necessário que o pesquisador penetre nessa comunidade para observar como esta usa a língua. Nesta pesquisa, a entrevistadora já fazia parte da comunidade pesquisada, pois é moradora da cidade.

3.2 – Hipótese

Observações preliminares feitas sobre o falar dos ponte-novenses conduzem à hipótese de que na cidade de Ponte Nova os falantes “dão preferência” à ausência do artigo. Porém, essa "preferência" pela ausência do artigo não impede a emergência de enunciados em que se identifica a presença de artigo. Portanto, observa-se tanto a ausência quanto a presença do artigo diante de antropônimos, o que caracteriza o fenômeno em estudo como um caso de variação.

3.3 – Objetivos

O principal objetivo dessa pesquisa é verificar como os falantes ponte-novenses comportam-se ante a variação ausência/presença de artigo definido diante de antropônimo.

Conforme afirmado na introdução deste trabalho, não há estudos publicados desse objeto para essa comunidade de fala.

Para a realização desta pesquisa foram assumidos como objetivos específicos:

- a. descrever e analisar a ausência/presença de artigo definido diante de antropônimo na cidade mineira de Ponte Nova;
- b. verificar a atuação dos fatores linguísticos que contribuem para a ausência/presença de artigo definido diante de antropônimo na cidade mineira de Ponte Nova;

c. verificar a atuação dos fatores extralinguísticos que contribuem para a ausência/presença de artigo definido diante de antropônimo na cidade mineira de Ponte Nova;

d. contribuir para documentação e constituição de um banco de dados relativos ao dialeto mineiro, tendo em vista sistematizar/digitalizar a documentação sobre esse dialeto.

3.4 – Os grupos de fatores

Uma variável é chamada dependente porque o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupo de fatores de natureza linguística ou extralinguística, que podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência.

Nesta pesquisa, a variável dependente foi constituída de duas variantes: a presença e a ausência de artigo definido diante de antropônimo. Em relação às variáveis independentes, foram considerados sete grupos de fatores, sendo três de natureza linguística e quatro de natureza extralinguística, que ficaram assim divididos: antropônimo antecedido por preposição, circunstância em que o antropônimo é citado, antropônimo como item de enumeração, gênero, faixa etária, intimidade do falante com a pessoa mencionada e antropônimo referindo-se a pessoa pública.

3.4.1 – Os fatores linguísticos

Mollica (2003) mostra que os fatores de natureza fono-morfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais encontram-se no grupo das variáveis internas ou linguísticas.

Seguindo orientações fornecidas por estudos já realizados, tais como Amaral (2003), Mendes (2008) e Almeida Mendes (2009), nesta pesquisa foram considerados três grupos de fatores de natureza linguística: antropônimo antecedido por preposição, circunstância em que o antropônimo foi citado e antropônimos como item de enumeração.

3.4.1.1 - Antropônimo antecedido por preposição

Inicialmente, tomando como norteadores trabalhos anteriores como, por exemplo, o de Amaral (2003), o propósito deste estudo era pesquisar os antropônimos que se encontravam em estrutura de genitivo. Porém, quando os dados foram fornecidos ao programa Goldvarb 2001 para que o mesmo processasse as rodadas, notou-se que eram muito poucos antropônimos em estrutura de genitivo. Esse fato não permitiria ao programa o processamento de todas as rodadas e comprometeria a análise. Diante disso, optou-se por analisar os antropônimos que eram antecidos por toda e qualquer preposição, o que determinou a consideração do fator "antropônimo antecedido por preposição".

O fator "antropônimo em estrutura de genitivo" já havia sido abordado em outros trabalhos que também estudaram o artigo diante de antropônimo. Mendes (2000) constatou que a estrutura NSN2-NPr (Núcleo do Sintagma Nominal - Nome Próprio) favorece a ausência de artigo, como no exemplo “fazião Barra na fazenda de Mathias Barbosa da Silva” (Mendes, 2000, p. 95).

Amaral (2003) verificou a presença de antropônimo em estrutura de genitivo para saber se este fator seria estatisticamente relevante na questão da ausência/presença do artigo. O autor justifica a inclusão desse fator dizendo que “ao ouvir as estruturas de genitivo com antropônimos desarticulados percebe-se rapidamente que há algo diferente. Em Minas Gerais, esse algo diferente parece ser uma marca de falares.” (Amaral, 2003, p. 102). Porém, na análise dos dados, o item não foi selecionado pelo programa Goldvarb 2001, como favorecedor de uma ou outra variante. Mas o autor menciona que essa não seleção do item pelo programa não desfaz um certo estranhamento que estruturas como “..cunheço. cunheço ... a mãe de Júlio ... cunheço” (Amaral, 2003, p. 121) causam em alguns falantes e que parece ser uma marca de distinção de falares em Minas Gerais.

Alves (2008) analisou o fator "estrutura do sintagma nominal" e dentro dele abordou dois subfatores, o primeiro, "antropônimo integra um SP - sintagma preposicionado - com preposição explícita"; e o segundo, "antropônimo integra um SP com preposição implícita". A autora constatou em seus resultados que "nem sempre as funções preposicionadas tendem a favorecer a presença do artigo" (Alves, 2008, p.106). A autora acrescenta ainda que "o que se percebe, a despeito da presença da preposição, é que a presença de artigo diante de antropônimo, na comunidade analisada, tende a ser favorecida quando o antropônimo integra um SN – sintagma nominal - que está à direita do verbo" (Alves, 2008, p.106).

Almeida Mendes (2009) também analisou em seu trabalho os antropônimos em estrutura de genitivo e chegou a resultados distintos para as duas localidades por ela pesquisadas. A autora constatou para a cidade de Abre Campo uma pequena tendência ao uso do artigo definido e para a cidade de Matipó uma presença quase absoluta do artigo definido e acrescenta que é justamente essa diferença que explica o estranhamento que alguns falantes identificam quando em contato com a fala das duas localidades.

Nesta pesquisa, foi verificado se o fato de o antropônimo vir antecedido ou não por preposição é relevante para a análise do fenômeno estudado.

| Grupo | Fatores | Exemplos |
|--|------------------------------------|---|
| Antropônimo antecedido por preposição | p – antropônimo preposicionado | (1) Saio com P., com B. com as meninas (0pwfksmj) |
| | q – antropônimo não preposicionado | (2) Nossa! G. era impossível (0qwfkmsma) |

QUADRO 1 – antropônimo antecedido por preposição

3.4.1.2 - Circunstância em que o antropônimo é citado

O controle desse grupo de fatores se justifica com base em trabalhos como o de Moisés (1995) e Alves (2008).

De acordo com Alves (2008, p.139), o fator “circunstância em que o antropônimo aparece” não foi selecionado como relevante pelo programa utilizado para a análise dos dados. Porém, a autora chega à conclusão de que “os resultados percentuais para esse grupo divergem do que diz a literatura sobre o assunto, ou seja, o índice de presença de artigo definido diante de antropônimos é mais alto quando o antropônimo aparece pela primeira vez no discurso” (Alves, 2008, p. 139). Destaca ainda que mesmo com esse favorecimento do fator para uma maior ocorrência da presença do artigo, o que prevalece nas duas posições é a ausência.

Seguindo a denominação utilizada por Alves (2008), serão analisadas duas circunstâncias de aparecimento do artigo:

| Grupo | Fatores | Exemplos |
|--|-------------------------------------|--|
| Circunstância em que o antropônimo é citado | v - citado pela primeira vez | (3) ... <i>O.</i> estudava no Polivalente, ele e <i>J.</i> eles desciam do Polivalente deixavam o caderno lá na Skimel, a gente descia do Bias Fortes pegava carona num ônibus de Oratórios ... (0qwflrha) |
| | w – citado anteriormente | (4) ... aí era a disputa de um lado era eu e <i>O.</i> de um lado do jardim aí meu irmão e <i>o J.</i> irmão dele ficava do outro lado vendendo ... (0qwflrha) |

QUADRO 2 – circunstância em que o antropônimo é citado

3.4.1.3 - Antropônimo como item de enumeração

Com base nos trabalhos de Amaral (2003) e Alves (2008), decidiu-se por controlar o grupo de fatores "antropônimo como item de enumeração". Amaral (2003) diz que algumas perguntas realizadas pelo entrevistador levavam os entrevistados a iniciarem uma espécie de lista ou enumeração. Com isso, o autor percebeu que alguns dos nomes citados pelos entrevistados nesse contexto apareciam desarticulados, então decidiu verificar se esse contexto favorecia a ausência do artigo. Porém, o fator “Antropônimo como item de enumeração” não foi selecionado pelo programa como significativo para nenhuma das localidades pesquisadas por Amaral (2003).

Em seu estudo, Alves (2008) controlou o item “antropônimo como item de enumeração”, porém ele também não foi selecionado como relevante pelo programa que a autora usou para analisar os dados.

Mesmo com a informação de que o fator não havia sido selecionado como significativo nos trabalhos de Amaral (2003) e Alves (2008), definiu-se por verificar nos dados desta pesquisa se o fato de um antropônimo ser ou não item de uma enumeração favorecia a presença ou a ausência do artigo definido diante de antropônimo. Foi considerado como item de enumeração a fala do entrevistado que continha uma sequência de três ou mais nomes próprios de pessoas.

| Grupo | Fatores | Exemplos |
|--|--|--|
| Antropônimo como item de enumeração | e- antropônimo como item de enumeração | (5) I., D., G. e L. (0qwekshj) |
| | f – antropônimo como não item de enumeração | (6) I. e G. são irmãos (0qwfkshj) |

QUADRO 3 – antropônimo como item de enumeração circunstância em que o antropônimo é citado

3.4.2 – Os fatores extralinguísticos

Os fatores inerentes ao indivíduo, como faixa etária e sexo, e os propriamente sociais, como nível de escolaridade e classe social, encontram-se no grupo de fatores das variáveis externas ou extralinguísticas. Neste estudo, tendo como base Amaral (2003) e Alves (2008), foram controlados quatro fatores extralinguísticos: gênero, faixa etária, intimidade e pessoa pública.

3.4.2.1 – Gênero

De acordo com Chambers (1995, p.102), nos estudos sociolinguísticos que incluem uma amostra de homens e mulheres, há evidências para a conclusão sobre seus comportamentos linguísticos: mulheres usam menos variantes estigmatizadas e não padrão que homens de mesmo grupo social nas mesmas circunstâncias. Apesar de o uso da variante em questão não ser considerado estigmatizado, o fator gênero foi selecionado para que se pudesse verificar se, diante desse fenômeno, homens e mulheres têm comportamentos diferentes.

Amaral (2003) não controlou em seu trabalho a variável gênero.

Alves (2008) levantou a hipótese de que as mulheres pesquisadas tenderiam a fazer um maior uso do artigo diante de antropônimo. Porém, chegou ao resultado de que os homens mostraram-se levemente favorecedores da presença do artigo. A autora ponderou que algum outro fator poderia estar influenciando nesse resultado e fez o cruzamento do fator *gênero* com *figura pública* e o resultado se manteve; as mulheres usaram mesmo menos artigo do que os homens.

Ao analisar o fator gênero, Almeida Mendes (2009) retoma uma questão levantada tanto por Labov (2008), quanto por Chambers (1995), de que as mulheres têm maior facilidade para se adaptarem linguisticamente do que os homens. As mulheres e os homens apresentaram comportamentos diferentes para as localidades de Abre Campo e Matipó. Para aquela, as mulheres utilizaram mais o artigo diante de antropônimos do que os homens; para esta, foram os homens que fizeram um uso bem maior da presença do que da ausência.

O fator gênero, nesta pesquisa, foi testado, principalmente pelo fato de se ter a impressão, em observações não sistemáticas, que mulheres faziam um maior uso do artigo diante de antropônimo do que os homens.

3.4.2.2 – Faixa etária

Através da seleção das faixas etárias, assim como realizado em outros trabalhos como Amaral (2003) e Almeida Mendes (2009), pretendeu-se verificar se a idade dos informantes influenciava o fenômeno de ausência/presença de artigo diante de antropônimo e de que forma isso acontecia.

Amaral (2003) trabalhou com duas faixas etárias, a primeira, que o autor codificou como 1, foi composta por pessoas de 18 a 30 anos e a segunda, codificada como 2, composta por pessoas acima de 50 anos. Esse fator foi selecionado como significante para duas localidades: Minas Novas e Paracatu. Na primeira localidade, a presença do artigo foi favorecida pela faixa etária dos mais jovens e desfavorecida por aquela composta por pessoas acima de 50 anos. Em Paracatu, os resultados não foram diferentes, também a faixa etária 1 foi favorecedora da presença, enquanto a faixa etária 2 foi desfavorecedora.

Almeida Mendes (2009) selecionou informantes de acordo com duas faixas etárias: a primeira composta por pessoas de 18 a 30 anos e a segunda por pessoas acima de 70 anos. Para a cidade de Abre Campo, o fator idade não se mostrou determinante para o uso do artigo, em Matipó, os jovens (faixa etária 1) realizaram mais a presença do artigo do que os idosos (faixa etária 2).

Neste estudo, os informantes foram selecionados de acordo com as duas seguintes faixas etárias: jovens (18 a 25 anos) e adultos/idosos (acima de 45 anos). Um dos motivos dessa divisão das faixas etárias está no fato de se ter se neutralizado o fator escolaridade, isto é, todos os informantes deveriam ter ensino médio completo e não estar cursando a faculdade. Cogitou-se que seria mais difícil encontrar pessoas abaixo dos 18 anos ou acima dos 50

somente com ensino médio, em curso ou completo. Pois, normalmente, os jovens abaixo dessa faixa etária ainda estão concluindo o ensino médio, e adultos, acima dos 50 anos ou não têm o ensino médio completo ou têm nível superior. Outro fator que levou à neutralização do fator escolaridade deve-se a outros estudos, como Amaral (2003) e Alves (2008), terem demonstrado que ele não é significativo para o objeto de estudo desta pesquisa.

3.4.2.3 – Intimidade do falante com a pessoa mencionada

Inicialmente, pretendia-se analisar este fator juntamente com o fator "pessoa pública", como já havia sido realizado em alguns trabalhos anteriores que pesquisaram o mesmo objeto de estudo. Porém, quando os dados foram coletados, percebeu-se que seria melhor controlar o grau de intimidade do falante com a pessoa mencionada como um fator independente, sem agrupá-lo com outro. Pois alguns nomes mencionados pelos falantes, ao mesmo tempo que eram do seu círculo de amizades, eram também pessoas públicas, ou seja, pessoas conhecidas na cidade.

Amaral (2003) afirma que como ele estava presente durante as gravações foi possível para ele identificar, na maioria das vezes, o tipo de relação existente entre o entrevistado e a pessoa mencionada. A partir disso, o autor trabalhou com três subdivisões do fator "grau de intimidade do falante com a pessoa mencionada": i) pessoa do meio social do informante (amigos, parentes e vizinhos); ii) personalidade famosa e com prestígio na região do informante (políticos, artistas, etc. com bom reconhecimento local); iii) personalidade famosa nacionalmente (políticos, artistas, personagens históricos, etc.). O fator foi selecionado como significativo para duas cidades pesquisadas: Campanha e Minas Novas. Em Campanha, a presença do artigo foi favorecida quando os falantes se referiam a pessoas públicas da região e a pessoas do meio social em que viviam. Em Minas Novas, também a presença foi favorecida quando os falantes se referiam a pessoas públicas da região, porém ela também foi favorecida quando a referência dos antropônimos eram pessoas famosas nacionalmente.

Alves (2008) dividiu o grupo de fatores grau de intimidade entre o entrevistado e o referente em três fatores: i) mais próximo, ii) mais distante, iii) figura pública. A autora afirmou "que existe uma relação inversamente proporcional entre o uso do artigo e os diferentes graus de intimidade: quanto menor o grau de intimidade do entrevistado com o referente, maior o índice de ocorrência do artigo." (Alves 2008, p. 109).

Ao pesquisar o fator intimidade, Almeida Mendes (2009) considerou a intimidade que o falante tem com o referente e para isso dividiu este grupo de fator em: "pessoa mais próxima" e "pessoa mais distante". Em Abre Campo, o fato de as pessoas mencionadas serem mais distantes do falante não interfere na variação ausência/presença de artigo definido diante de antropônimo e o fato de serem próximas mostra uma pequena tendência para a ausência. Em Matipó, a presença do artigo predomina tanto para pessoas mais distantes do falante quanto para pessoas mais próximas, sendo levemente mais relevante para a primeira.

Os dois grupos de falantes pesquisados por Alves (2008) demonstraram comportamento semelhante em relação ao uso de artigo definido diante de nome próprio, pois a ausência foi a variante favorecida quando o antropônimo se referia a pessoas mais próximas dos falantes.

Nesta pesquisa, o grupo de fatores "intimidade do falante com a pessoa mencionada" foi dividido em dois fatores: i) pessoa mais próxima e ii) pessoa menos próxima.

3.4.2.4 – Antropônimo referindo-se a pessoa pública

Como foi dito na seção anterior, inicialmente o fator "antropônimo referindo-se a pessoa pública" seria analisado junto ao fator "grau de intimidade do falante com a pessoa mencionada". Porém, ao coletar os dados percebeu-se que alguns antropônimos que faziam referência a pessoas públicas da região também eram pessoas íntimas do falante, então decidiu-se por analisar os fatores de forma distinta.

Amaral (2003) analisou este item como dois fatores do grupo de fatores "intimidade do falante com a pessoa mencionada", considerou um fator como "pessoas famosas e com prestígio na região do informante" e outro como "personalidade famosa nacionalmente". Conforme vimos, nos dados da cidade de Campanha, o fato de o antropônimo representar pessoa pública da região foi favorecedor da presença do artigo. Em Minas Novas, a presença foi favorecida tanto para pessoas públicas da região como para pessoas famosas nacionalmente.

Alves (2008) também não pesquisou figura pública de forma isolada, mas sim como um fator do grupo de fatores "grau de intimidade entre o entrevistado e o referente". A referência a pessoas consideradas figuras públicas foi o contexto que mais favoreceu a presença de artigo definido diante de antropônimos. E esse fato ocorreu tanto na fala dos

jovens que residiam em Belo Horizonte quanto na fala daqueles que permaneceram em Barra Longa.

Almeida Mendes (2009) cogitou, inicialmente, analisar o fator "pessoa pública", porém não obteve nenhum caso de "figura pública" nas entrevistas, então não teve condições de realizar tal análise.

O grupo de fatores "antropônimo referindo-se a pessoa pública" foi constituído, nesta pesquisa, de dois fatores: i) pessoa pública, independente de ser regional ou nacionalmente famosa e ii) pessoa não pública. O leitor pode se perguntar como foi feita, ou quais os critérios foram utilizados para classificar o antropônimo como pessoa pública ou não. Na verdade, não encontramos muitas dificuldades para identificar as pessoas como públicas ou não. Pois as pessoas públicas famosas nacionalmente são facilmente identificáveis; quanto às pessoas públicas da região, o fato de a pesquisadora ter sido sempre moradora da cidade e estar presente em todas as entrevistas facilitaram a identificação.

3.5 - População e Amostra

A população a ser estudada nesta pesquisa são os moradores da cidade de Ponte Nova. Segundo Silva (2003), não se tem como estudar todos os cidadãos de uma cidade, então deve-se selecionar alguns falantes para constituir a amostra que representará então toda a população.

Para a montagem da amostra deste estudo, os informantes foram selecionados de acordo com dois fatores extralinguísticos: gênero e faixa etária, como descrito anteriormente na seção que trata dos fatores extralinguísticos. As células foram compostas com quatro informantes cada, perfazendo um total de dezesseis informantes, distribuídos em duas faixas etárias, "jovens" – 18 a 25 anos e "adultos/idosos" – acima de 45 anos e em dois gêneros – masculino e feminino.

Para que os dados coletados pudessem ser utilizados e publicados para fins científicos, cada informante concedeu uma permissão através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que permitia que os seus dados fossem publicados.

3.6 – Composição do corpus

3.6.1 – A coleta dos dados

De acordo com Chambers (1995), conversas casuais tendem a ser mais rápidas, com mais elipses sintáticas e contrações, e mais assimilações fonológicas. Conversas formais também podem ser rápidas se o participante estiver nervoso, mas o uso da sintaxe é artificial e bastante ofegante e a articulação fonológica não é natural.

De acordo com Labov (2008), os meios empregados para coletar os dados interferem nos dados a serem coletados. O método básico para se obter uma grande quantidade de dados confiáveis da fala de uma pessoa é a entrevista individual gravada (Labov, 2008).

Segundo Chambers (1995), a fala casual é o que o sociolinguista mais quer estudar. Mas não é simples conseguir este estilo. Só depois de vários minutos de entrevista é que o informante se acostuma com os aparelhos usados para a gravação e fica mais relaxado com o entrevistador. Quando são convidados a falar sobre acidentes de carro ou sobre tiroteios ou outros eventos em que se envolveram, eles provavelmente, devido às recordações urgentes das situações descritas, esquecem-se de ficar atentos à pronúncia, à forma como vão falar.

Labov (2008) nos diz que é um problema para o pesquisador encontrar e levar o informante a falar livremente numa entrevista gravada. Não se deve esperar encontrar no corpo de uma entrevista o vernáculo em uso, pois, por mais à vontade que o falante pareça estar, "podemos sempre supor que ele tem uma fala mais informal, outro estilo no qual se diverte com os amigos ou discute com a mulher." (Labov, 2008, p. 244). O autor acrescenta:

Com isso chegamos ao chamado *paradoxo do observador*, o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática. O problema, evidentemente, não é insolúvel: ou achamos maneiras de suplementar as entrevistas formais com outros dados, ou mudamos a estrutura da situação de entrevista de um jeito ou de outro. (Labov, 2008, p.244)

Seguindo tais observações, as entrevistas desta pesquisa basearam-se em assuntos do cotidiano dos informantes: foram gravados em média 50 minutos com cada informante. O maior propósito nas entrevistas era levar o informante a fazer uso dos nomes de pessoas para que pudesse identificar a presença ou não do artigo diante dos mesmos. Desse modo, as perguntas foram direcionadas para que se obtivesse como respostas nomes de pessoas.

Para que o propósito fosse alcançado, foi elaborado um roteiro prévio de entrevista, apresentado a seguir, para que pudesse nortear as perguntas durante as entrevistas.

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

1. Você sempre morou em Ponte Nova?
2. Quando você era criança quem eram seus amigos?
3. E hoje você tem notícias deles?
4. E hoje quem são aqueles do seu círculo de amizade que são mais próximos?
5. Eles moram próximos a você?
6. Seus pais são vivos? Como se chamam? Moram em Ponte Nova?
7. Você tem irmãos? Quantos?
8. Onde eles moram?
9. Você é casado? Tem namorado?
10. Qual o nome do seu companheiro?
11. O que ele faz?
12. Você tem filhos? Quantos? Que idade?
13. Eles moram com você?
14. Você trabalha?
15. Em quê?
16. Gosta do que você faz?
17. O que você acha da atual administração municipal? Em que o prefeito pode melhorar?
18. Você votou em quem para deputado?
19. E para senador?
20. E para Presidente, votou em quem?
21. Se Lula pudesse ter sido candidato a um terceiro mandato, teria votado nele?
22. O que você gosta de fazer nas horas de lazer?
23. Gosta de sair? Com quem normalmente sai?
24. E festas de família, costuma ir muito?
25. Tem muitos parentes próximos, tios, primos?
26. Moram aqui?
27. E televisão você gosta?
28. Gosta de novela/filme?
29. Qual personagem você achou marcante?
30. Tem algum personagem que te faz raiva?
31. E ator, você é fã ou tem um que você acha melhor?
32. Gosta de música? Tem um estilo preferido?
33. Cantor que mais te agrada?
34. Qual seria um cantor que você não gosta?
35. Você acredita em sonhos?
36. Conhece alguém que já sonhou alguma coisa e depois aconteceu algo igual ou parecido?
37. Qual seria talvez o seu maior sonho?
38. Você já teve ou tem algum parente que já teve alguma doença grave?
39. Você conhece alguém que já foi assaltado ou sofreu algum acidente, como foi?
40. E você já passou por algum aperto, perigo de vida, ser assaltado, sofrer um acidente...
Quem estava junto?

QUADRO 4 – roteiro de entrevista

3.6.2 - A codificação dos dados

Os dados para montagem do *corpus* foram obtidos através das transcrições das entrevistas realizadas com cidadãos ponte-novenses com características para compor a amostra.

Após a transcrição, realizada em ortografia convencional, pois não se anotaram características fonético-fonológicas, procedeu-se ao levantamento dos dados relevantes para a análise e sua codificação de acordo com os grupos de fatores propostos.

Podemos observar no quadro 5, apresentado abaixo, os grupos de fatores da variável dependente e das variáveis independentes e seus respectivos códigos.

| Variável dependente | |
|--|---|
| Ausência/presença | 0 – ausência 1 – presença |
| Variáveis independentes | |
| Grupos | Fatores |
| Gênero | h- masculino m – feminino |
| Faixa etária | j – jovens a – adultos |
| Proximidade do falante com a pessoa mencionada | k – mais próxima l – menos próxima |
| Antropônimo referindo-se a pessoa pública | r – pública s – não-pública |
| Antropônimo preposicionado | p – preposicionados q – não-preposicionado |
| Circunstância em que o antropônimo é citado | v – citado pela primeira vez w – citado previamente |
| Antropônimo como item de enumeração | e – item de enumeração f – não item de enumeração |
| Fator indivíduo | A – mulher jovem B - mulher jovem C - mulher jovem D - mulher jovem E – mulher adulta |

| | |
|--|-------------------|
| | F - mulher adulta |
| | G - mulher adulta |
| | H - mulher adulta |
| | I – homem jovem |
| | J- homem jovem |
| | H - homem jovem |
| | I - homem jovem |
| | L - homem adulto |
| | M - homem adulto |
| | N - homem adulto |
| | O - homem adulto |

QUADRO 5 – códigos utilizados

3.7 – Tratamento dos dados

Após a transcrição e a codificação dos dados, foi realizado o tratamento quantitativo dos mesmos. Para essa etapa, foi utilizado o programa estatístico para computadores GOLDVARB/ VARBRUL 2001.

O GOLDVARB é chamado de conjunto de programas computacionais de análise multivariada e é estruturado exclusivamente para acomodar dados de variação sociolinguística. O VARBRUL, 2001 permitiu investigar a influência das variáveis independentes, linguísticas e extralinguísticas, sobre a variável dependente em estudo, a ausência/presença de artigo definido diante de antropônimo.

A partir da escolha das variáveis independentes, o programa mediu seus efeitos e suas significâncias sobre as ocorrências das realizações da variável chamada de dependente. Também permitiu que fossem testadas varias hipóteses possíveis sobre a natureza, o tamanho e direção dos efeitos das variáveis independentes.

3.8 – Casos excluídos da análise quantitativa

Alguns casos de ocorrências de antropônimos foram excluídos da análise quantitativa e serão descritos a seguir.

3.8.1 – Contexto precedente confunde-se com o artigo

Foram excluídos os antropônimos precedidos de palavras cujo fonema final fosse /u/ ou /a/, já que a presença desses inviabiliza a verificação de ausência/presença do artigo definido.

(7) Melhor técnico, tenho até dúvida, eu falo assim igual do Cruzeiro quando **Joel Santana** Cruzeiro tava ganhando, num ganhou mais nem um jogo sem Joel Santana.

3.8.2 – Antropônimo inicia-se com /a/ ou /u/

Foram excluídos os nomes próprios de mulheres iniciados pelo fonema /a/ e os de homens iniciados pelo fonema /u/ pelo fato de não termos como comprovar a presença ou a ausência do artigo.

(8) Porque **Wermerson** nasceu 22 de junho e **Giovani** fez 8 anos 21 de julho

(9) Quando foi em dezembro eles começaram a chamar o pessoal que passou, inclusive **Adriana** Pena passou ... aí ela ocupou a vaga dela de efetivo ali.

Esses casos envolvem apenas as vogais orais, pois os antropônimos iniciados pelo fonema /ã/ foram analisados. O artigo que poderia preceder o nome iniciado com a vogal nasal é representado pelo fonema oral /a/ e essa diferença não permite que se confunda a realização do artigo, caso aconteça, com a vogal inicial do antropônimo.

3.8.3 – Antropônimo citado pelo entrevistador no contexto precedente

Quando o antropônimo foi citado pelo entrevistador, ele também foi excluído, pois a estrutura utilizada pelo pesquisador poderia influenciar a resposta do entrevistado.

(10) Pesquisador: Você votou nele? E, Senado você lembra? Senador? Você lembra em quem você votou?

Informante6: Senador... foi Aécio o outro eu não lembro.

Pesquisador: **Itamar**, Pimentel ?...

Informante6: Foi **Itamar**. ?????

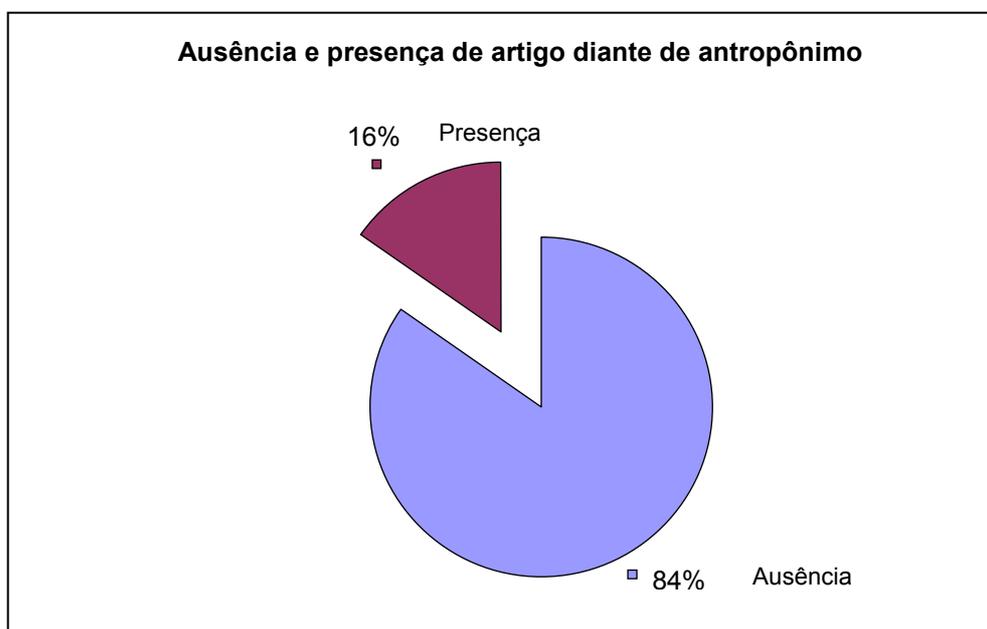
4 - ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, será apresentada a análise dos dados coletados para este trabalho. Primeiramente, far-se-á uma exposição dos resultados gerais dissertando sobre cada um dos fatores analisados e posteriormente descrever-se-ão diversas ocorrências de antropônimos relacionadas ao fenômeno em estudo.

A hipótese inicial deste trabalho era a de que a ausência de artigo diante de antropônimo na fala dos ponte-novenses seria muito mais marcante do que a presença. E, de fato, essa hipótese foi comprovada após a análise dos 933 dados que compõem nosso *corpus*.

Conforme foi visto na seção 3.6, "tratamento dos dados", os dados foram analisados através do Programa Goldvarb/Varbrul 2001, e o resultado geral obtido confirma a nossa hipótese, pois verificou-se que a ausência de artigo diante de antropônimo corresponde a 84% dos casos (786), e a presença corresponde a 16% (149), conforme mostra o gráfico abaixo:

GRÁFICO 1 – distribuição das variantes



Esse resultado comprova que os falantes ponte-novenses usam os antropônimos preferencialmente sem o artigo. Esse comportamento linguístico alinha Ponte Nova com outras localidades brasileiras que exibem esse mesmo padrão, como, por exemplo, Barra Longa, Minas Novas, Paracatu, Abre Campo e Matipó.

Os resultados desta pesquisa somados aos de outros trabalhos realizados em outras regiões de Minas Gerais podem contribuir para a formação de uma nova área dialetal que pode não coincidir com aquelas propostas por Zágari, pois o mesmo não levou em consideração fenômenos sintáticos, mas somente os fonológicos.

Em Barra Longa, de acordo com Mendes (2000), a ausência de artigo diante de antropônimo era predominante no século XVII assim como continua sendo na fala atual. A autora concluiu que há traços sintáticos que permitem dizer que a ausência de artigo diante de antropônimo constitui-se num caso de retenção de uma estrutura pretérita do português.

A cidade de Minas Novas foi pesquisada por Amaral (2003), que apresentou como resultado para esta comunidade uma ausência de artigo diante de antropônimo de 61%. No mesmo trabalho, o autor também realizou uma pesquisa na cidade de Paracatu, que apresentou um resultado para a ausência de 52%.

Para a zona rural da cidade de Abre Campo, Almeida Mendes (2009) apresentou 206 casos de ocorrências de antropônimos, desses, 52% foram de ausência de artigo. No mesmo estudo, a autora coletou também dados na zona rural de Matipó. Para esta comunidade, foram apresentados 414 casos de ocorrências de antropônimos, desses, 83% foram de ausência e 17% de presença.

4.1 – Atuação dos fatores linguísticos

Conforme mencionado na seção 3.4 do capítulo que trata dos procedimentos teórico-metodológicos, foram utilizados sete grupos de variáveis independentes, sendo três consideradas linguísticas e quatro não-linguísticas.

Nesta seção serão analisados os resultados dos fatores linguísticos:

- antropônimo antecedido por preposição;
- circunstância em que o antropônimo é citado;
- antropônimo como item de enumeração.

Para os três fatores linguísticos analisados, os casos de ausência foram superiores aos de presença como mostra a tabela 1, abaixo:

TABELA 1 - Distribuição geral das variáveis de acordo com os fatores linguísticos

| | Ausência | | | Presença | | Total |
|------------------------|----------|----|--|----------|----|-------|
| | N | % | | N | % | |
| Preposicionados | 147 | 77 | | 44 | 23 | 191 |
| Não- preposicionados | 637 | 86 | | 105 | 14 | 742 |
| | | | | | | |
| Citado pela 1ª vez | 453 | 82 | | 99 | 18 | 552 |
| Citado anteriormente | 331 | 87 | | 50 | 13 | 381 |
| | | | | | | |
| Item de enumeração | 100 | 91 | | 10 | 9 | 110 |
| Não item de enumeração | 684 | 83 | | 139 | 17 | 823 |
| | | | | | | |

Dos três fatores linguísticos analisados, somente o primeiro apresentado na tabela, *antropônimo precedido de preposição*, foi selecionado pelo programa como significativo.

Será apresentada a seguir uma análise para cada um dos fatores.

4.1.1 – Antropônimo antecedido por preposição

O fator "antropônimo antecedido por preposição" foi selecionado pelo Goldvarb como significativo e a análise revelou que o fato de o antropônimo ser precedido por uma preposição é favorecedor da presença do artigo.

Esses resultados estão apresentados na tabela número 2, apresentada abaixo:

TABELA 2 - Distribuição das variáveis de acordo com o fator "antropônimo antecedido por preposição"

| | Ausência | | | | Presença | | | Total |
|----------------------|----------|----|-----|--|----------|----|-----|-------|
| | N | % | P | | N | % | P | |
| Preposicionados | 147 | 77 | .38 | | 44 | 23 | .62 | 191 |
| Não- preposicionados | 637 | 86 | .53 | | 105 | 14 | .47 | 742 |

O fato de o antropônimo aparecer preposicionado favorece a presença do artigo com um peso relativo no valor de .62. Quando o antropônimo não é precedido por preposição tem-se um peso relativo de .53 para a ausência e .47 para a presença; então podemos dizer que esse fator pode ser considerado praticamente neutro.

Esse resultado não deixa de causar uma certa estranheza. Pois, se o que mais ocorre é a ausência, por que a preposição estaria favorecendo a presença? Uma hipótese levantada foi a de que o fator "figura pública" poderia estar sendo determinante nesse resultado. Essa hipótese será analisada mais adiante na seção 4.3.3 quando se faz a análise dos dados sem o "fator pessoa pública". Outra hipótese seria a de que a presença poderia estar sendo favorecida porque esta estrutura, a preposicionada, parece ser a que sofre mais estigma.

É importante ressaltar que a predominância da ausência do artigo diante de antropônimo determina, entre os falantes ponte-novenses, o surgimento de uma preposição que não existe na língua padrão: trata-se da forma "ne" que substitui a preposição *em*, conforme se ilustra em 11:

(11) ... acabei votando **ne Aécio**, votei, ah vou votar pra lá **ne Aécio**

Espelhada na realização fonética da forma contraída, (*em +o/a -> no, na*), a preposição *em* se atualiza como *ne* – forma neutra, bastante útil à identificação da ausência de artigo.

4.1.2 – Circunstância em que o antropônimo é citado

Para este fator, consideramos duas formas pelas quais o antropônimo aparece no discurso do entrevistado:

1^a – quando citado pela primeira vez

2^a – quando citado previamente

Conforme se vê na tabela 3, esse fator pode ser considerado neutro.

TABELA 3 - Distribuição das variáveis de acordo com o fator "circunstância em que o antropônimo é citado"

| | Ausência | | | | Presença | | | Total |
|--------------------------------|----------|----|-----|--|----------|----|-----|-------|
| | N | % | P | | N | % | P | |
| Citado pela 1 ^a vez | 453 | 82 | .46 | | 99 | 18 | .54 | 552 |
| Citado anteriormente | 331 | 87 | .55 | | 50 | 13 | .45 | 381 |
| Total | 784 | | | | 149 | | | 933 |

Como pode ser observado na tabela que apresenta os resultados da distribuição das variáveis de acordo com o fator "circunstância em que o antropônimo é citado", obtiveram-se 552 dados com antropônimos citados pela primeira vez, desses, 82% foram realizados sem a presença de artigo. Quando os antropônimos já haviam sido citados pelo entrevistado em sua

fala, também a ausência foi mais marcante, com um valor percentual de 87%. O fator em questão não foi selecionado pelo programa como significativo.

A ausência se identifica tanto diante de antropônimos citados pela primeira vez quanto diante de antropônimos citados anteriormente, conforme ilustrado em (12): o antropônimo *Pelé* foi citado três vezes pelo entrevistado e em todas elas ele foi realizado sem o artigo.

(12) **Pelé**, pela simpatia, **Pelé**. E hoje a gente tava até conversando sobre quais são as três pessoas que todo mundo do mundo conhece umas delas é **Pelé**, o Papa e Obama, Presidente dos Estados Unidos.

Exemplos como (12) confirmam a neutralidade do fator, pois a tabela 3 apresenta pesos relativos neutros: as ocorrências nas quais o antropônimo é citado pela primeira vez apresentam peso relativo de .46 para a ausência e .54 para a presença. E aquelas em que o antropônimo foi citado anteriormente apresentam peso relativo de .55 para a ausência e .45 para a presença.

Esse fator também foi pesquisado por Amaral (2003) com o nome de “Posição de antropônimo no turno conversacional”. Os resultados encontrados pelo autor foram divergentes daqueles que obtivemos, pois para duas cidades, das três por ele pesquisadas, o fator se mostrou estatisticamente relevante. Em Campanha, a presença do artigo é um pouco favorecida quando o antropônimo não está na posição inicial do turno com um peso relativo de .58 e bastante desfavorecida quando está no início, peso relativo de .14. Em Paracatu, os resultados foram parecidos com o de Campanha, com a presença do artigo sendo favorecida quando o antropônimo não está na posição inicial do turno, (.57) e desfavorecida quando está no início (.19). Em Minas Novas, o fator, assim como nesta pesquisa, não foi selecionado.

Também para Alves (2008) o fator “circunstância em que o antropônimo aparece” não foi selecionado como relevante pelo programa utilizado para a análise dos dados. Porém, a autora chega à conclusão de que “os resultados percentuais para esse grupo divergem do que diz a literatura sobre o assunto, ou seja, o índice de presença de artigo definido diante de antropônimos é mais alto quando o antropônimo aparece pela primeira vez no discurso.” (Alves, 2008, p. 139). Destaca ainda que, mesmo com esse favorecimento do fator para uma maior ocorrência da presença do artigo, o que prevalece nas duas posições é a ausência.

4.1.3 – Antropônimo como item de enumeração

Esse fator não foi selecionado pelo Goldvarb como um fator significativo. De fato, conforme se vê na tabela 4, a ausência de artigo é a estrutura mais frequente, seja o antropônimo item de enumeração ou não.

TABELA 4 - Distribuição das variáveis de acordo com o fator "Antropônimo como item de enumeração"

| | Ausência | | | | Presença | | | TOTAL |
|------------------------|----------|----|-----|--|----------|----|-----|-------|
| | N | % | P | | N | % | P | |
| Item de enumeração | 100 | 91 | .65 | | 10 | 9 | .35 | 110 |
| Não item de enumeração | 684 | 83 | .47 | | 139 | 17 | .63 | 823 |

Dos 110 casos de antropônimos realizados como item de enumeração, 90% são de ausência. Quando o antropônimo não fazia parte de uma estrutura de enumeração, a maioria dos casos também ocorreu com ausência, 83%.

Quando são observados os valores dos pesos relativos apresentados na tabela 4, percebe-se que quando o antropônimo encontra-se numa estrutura de enumeração favorece a ausência do artigo com peso relativo no valor de .65. Quando o antropônimo é realizado como não item de enumeração temos um peso relativo favorecedor da presença com o valor de .63.

4.1.4 – Conclusão da análise dos fatores linguísticos

Foram três os fatores linguísticos analisados:

- antropônimo preposicionado;
- antropônimo citado ou não pela primeira vez;
- antropônimo como item de enumeração.

Dos três fatores pesquisados somente "antropônimo antecedido por preposição" foi selecionado pelo Goldvarb como significativo. A presença do artigo é favorecida com um peso relativo de .62 quando a preposição antecede o antropônimo. Quando o antropônimo não vem antecedido por preposição, o peso relativo é praticamente neutro, pois apresenta um peso relativo de .53 para a ausência.

Primeiramente, a análise foi iniciada considerando apenas os casos em que os antropônimos apareciam em estrutura de genitivo, porém quando os dados foram

visualizados, percebeu-se que eram muito poucos casos de estrutura de genitivo e que o programa não conseguiria realizar as rodadas necessárias. Por essa razão, congregaram-se todos os casos precedidos por preposição em um só fator.

O fator "circunstância como o antropônimo é citado" não foi considerado como significativo pelo Goldvarb. A ausência de artigo ocorreu com mais frequência tanto diante de antropônimos citados pela primeira vez quanto diante de antropônimos citados anteriormente.

O fator "antropônimo como item de enumeração" também não foi selecionado como significativo, mas a análise isolada do fator apresentou valores de pesos relativos favorecedores ora da presença, ora da ausência. Quando o antropônimo faz parte de uma estrutura de enumeração o peso relativo (.65) mostrou-se favorecedor da ausência; quando o antropônimo não foi realizado como item de enumeração o peso relativo (.63) foi favorecedor da presença.

O fator "circunstância em que o antropônimo é citado", assim como em Alves (2008), não foi selecionado como significativo em nossa pesquisa.

4.2 – Atuação dos fatores extralinguísticos

Nesta seção serão analisados os resultados dos quatro fatores extralinguísticos pesquisados:

- gênero;
- faixa etária;
- intimidade;
- pessoa pública.

Primeiramente, será apresentado o resultado geral dos fatores e posteriormente será realizada, em seções distintas, uma análise de cada um deles em seções distintas. Viu-se anteriormente que para os fatores linguísticos a ausência do artigo foi mais marcante do que a presença. E esse resultado, como mostra a tabela abaixo, não foi diferente, quando se consideram os fatores extralinguísticos.

TABELA 5 - Distribuição das variáveis de acordo com os fatores extralinguísticos

| | Ausência | | | Presença | | Total |
|----------------------|----------|----|--|----------|----|-------|
| | N | % | | N | % | |
| Homens | 363 | 82 | | 82 | 18 | 445 |
| Mulheres | 421 | 86 | | 67 | 14 | 488 |
| Jovens | 241 | 74 | | 84 | 26 | 325 |
| Adultos | 543 | 89 | | 65 | 11 | 608 |
| Pessoa mais próxima | 425 | 90 | | 48 | 10 | 473 |
| Pessoa menos próxima | 359 | 78 | | 101 | 22 | 460 |
| Pessoa pública | 238 | 73 | | 89 | 27 | 327 |
| Pessoa não-pública | 546 | 90 | | 60 | 10 | 606 |

Como se vê, as estruturas não articuladas são sempre mais frequentes, seja qual for o recorte aplicado aos dados.

Dos quatro fatores extralinguísticos analisados, apenas dois foram selecionados pelo programa como significantes: faixa etária e pessoa pública.

4.2.1 – Faixa etária

Os informantes foram selecionados e agrupados em duas faixas etárias. A primeira compreende pessoas entre 18 a 25 anos e a segunda, pessoas acima de 45 anos.

O fator *faixa etária* foi significativa para o objeto de estudo de estudo deste trabalho, mostrando que os jovens favorecem a presença do artigo.

Observe tabela 6:

TABELA 6 - Distribuição das variáveis de acordo com o fator "faixa etária"

| | Ausência | | | | Presença | | |
|---------|----------|----|-----|--|----------|----|-----|
| | N | % | P | | N | % | P |
| Jovens | 241 | 74 | .34 | | 84 | 26 | .66 |
| Adultos | 543 | 89 | .58 | | 65 | 11 | .42 |

Os informantes "jovens" são favorecedores da presença do artigo com um peso relativo de .66, ao passo que os informantes adultos mostraram-se levemente favorecedores da ausência com peso relativo de .58. Uma das hipóteses que poderia justificar esse resultado

seria o fato de os falantes jovens serem aqueles que têm mais contato com falantes de outras cidades, como, por exemplo, Belo Horizonte, que têm como padrão a presença do artigo diante de antropônimo.

A observação do resultado do fator faixa etária possibilita levantar a hipótese segundo a qual o fenômeno objeto dessa pesquisa estaria representando uma mudança em progresso. Na verdade, para responder a esse questionamento, seria necessária uma nova pesquisa com um número maior de informantes e talvez com a inclusão de uma nova faixa etária com pessoas de idade mais alta, pois o informante mais velho desta pesquisa tem 60 anos. Outro fato que também impede de afirmar que estaria ocorrendo nesta comunidade uma mudança em progresso é o fato de um dos jovens entrevistados ter sido categórico no uso de estruturas sem artigo. Este caso será retomado de forma mais detalhada quando forem apresentados os resultados da análise por indivíduo.

De toda forma, os dados que orientam esta análise permitem propor a mudança em progresso como indício apenas, já que aos indícios do tempo aparente se devem somar os de tempo real, fator que não controlamos nesta pesquisa.

Poder-se-ia considerar também que os resultados atinentes ao fator faixa etária estivessem refletindo os efeitos de outro fator, como escolaridade, por exemplo. Mas, conforme foi mostrado na seção dos procedimentos metodológicos, esse fator foi neutralizado, já que todos os informantes têm nível médio completo e não estão na faculdade.

Esse resultado assemelha-se àqueles encontrados por Amaral (2003) para duas, das três localidades por ele pesquisadas, em Minas Novas e Paracatu a faixa etária 1, na qual estão os informantes entre 18 e 30 anos, foi a que mais favoreceu a presença do artigo.

4.2.2 – Gênero

Várias pesquisas mostram a diferença entre homens e mulheres para alguns casos de variação linguística. Dependendo do objeto de estudo e das circunstâncias do discurso, homens e mulheres usam a língua de forma diferente. Porém, para o objeto de estudo dessa pesquisa, o fator gênero não se mostrou relevante para o favorecimento da ausência ou da presença do artigo, pois, não foi selecionado pelo Goldvarb como significativo.

Observem os resultados para este fator:

TABELA 7 - Distribuição das variáveis de acordo com o fator "Gênero"

| | Ausência | | | | Presença | | | Total |
|----------|----------|----|-----|--|----------|----|-----|-------|
| | N | % | P | | N | % | P | |
| Homens | 363 | 82 | .45 | | 82 | 18 | .55 | 445 |
| Mulheres | 421 | 86 | .54 | | 67 | 14 | .46 | 488 |

Como se pode perceber, os valores das porcentagens para homens e mulheres estão bem próximos. Das ocorrências para o gênero masculino, 81% são de ausência e para o gênero feminino, a ausência corresponde a 86%. Ao observar os pesos relativos, percebe-se que há um leve favorecimento dos homens em relação à presença do artigo .55 e leve favorecimento das mulheres em relação à ausência do artigo com peso relativo de .54.

Apesar de os homens terem se mostrado levemente favorecidos da presença do artigo, é importante ressaltar que os dois informantes que tiveram comportamento categórico de ausência de artigo são do sexo masculino. Entre as mulheres, houve variação na fala de todas. Isso poderia levar o leitor a pensar que homens usam menos o artigo do que as mulheres, mas os dados desta pesquisa são insuficientes para manter esta hipótese. Além disso, e tendo em conta Labov (2008), o favorecimento da presença do artigo pelas mulheres deveria se associar à classificação da variante articulada como variante de prestígio, fator que esta pesquisa não controla.

Os resultados desta pesquisa encontrados para o fator gênero vão ao encontro daqueles encontrados por Alves (2008). A autora levantou a hipótese de que as mulheres pesquisadas tenderiam a usar mais a variante da cidade de Belo Horizonte do que a de Barra Longa, ou seja, tenderiam a usar mais a presença do que a ausência. Porém, ao proceder às análises dos dados constatou que "tanto homens quanto mulheres tendem a não usar o artigo, preservando assim a variação da comunidade de origem (Alves 2008:109)." Mas o uso do artigo foi levemente favorecido pelos homens com um peso relativo de .57. A autora ponderou que algum outro fator poderia estar influenciando nesse resultado e fez o cruzamento do fator *gênero* com "*figura pública*" e o resultado se manteve, as mulheres usaram mesmo menos artigo do que os homens.

4.2.3 – O fator intimidade

O fator "intimidade" não foi selecionado pelo programa como significativo. Os resultados encontrados para este fator não fogem à regra dos resultados dos outros fatores, pois as ocorrências com ausência de artigo foram bem maiores do que as de presença.

TABELA 8 - Distribuição das variáveis de acordo com o fator "intimidade"

| | Ausência | | | | Presença | | | |
|----------------------|----------|----|-----|--|----------|----|-----|-----|
| | N | % | P | | N | % | P | |
| Pessoa mais próxima | 425 | 90 | .61 | | 48 | 10 | .39 | 473 |
| Pessoa menos próxima | 359 | 78 | .38 | | 101 | 22 | .62 | 460 |

Para o item *pessoa mais próxima*, a ausência corresponde a 89% dos dados, enquanto para o item *pessoa menos próxima*, a ausência foi de 78%. Quando se analisam os valores apresentados pelos pesos relativos confirma-se a afirmação acima, pois o item *pessoa mais próxima* mostrou-se favorecedor da ausência (.61) e *pessoa menos próxima*, favorecedor da presença (.62).

Esse resultado também vai ao encontro dos resultados encontrados por Amaral (2003) para uma das cidades por ele pesquisadas, Minas Novas. Nessa localidade a ausência de artigo diante de antropônimo é predominante, mas é a presença que é favorecida quando os falantes se referem a pessoas famosas nacionalmente.

Em Alves (2008), quando analisado o fator "grau de intimidade entre o entrevistado e seu referente", chegou ao resultado de que o uso do artigo é altamente favorecido quando se refere a figuras públicas. A autora revela que "a referência a pessoas consideradas públicas é o contexto que mais favorece a presença de artigo definido diante de antropônimos tanto na fala dos jovens que residem em Belo Horizonte quanto na fala daqueles que permanecem em Barra Longa" (Alves 2008:112).

Amaral (2003) constatou que "o uso das variantes é uma marca de identificação do tipo de contato que se tem com a pessoa à qual se referem os informantes".

Esse favorecimento da presença do artigo diante de pessoas menos próximas encontrado nesta pesquisa comprova mais uma vez a preferência dos falantes ponte-novenses pela ausência, porém contraria o que a gramática padrão recomenda sobre o uso do artigo. Para os gramáticos tradicionais seria a presença do artigo que denotaria familiaridade e não a ausência, como foi encontrado nos dados desta pesquisa.

4.2.4 – O fator pessoa pública

Desde as primeiras observações, já se tinha a impressão de que quando os ponte-novenses referiam-se a pessoas públicas o uso do artigo era mais frequente. Ao proceder ao

processamento dos dados, os resultados vieram ao encontro da hipótese deste estudo, pois o fator "pessoa pública" foi selecionado pelo programa como significativo e com um peso relativo favorecedor da presença.

TABELA 9 - Distribuição das variáveis de acordo com o fator "pessoa pública"

| | Ausência | | | | Presença | | | Total |
|--------------------|----------|----|------|--|----------|----|------|-------|
| | N | % | P.R. | | N | % | P.R. | |
| Pessoa pública | 238 | 73 | .34 | | 89 | 27 | .66 | 327 |
| Pessoa não-pública | 546 | 90 | .58 | | 60 | 10 | .42 | 606 |

Pode-se perceber, na tabela acima, que o fato de o antropônimo referir-se a uma pessoa considerada pública, seja de âmbito regional ou nacional, favorece a presença do artigo com um peso relativo de .66. Ao contrário disso, quando o antropônimo refere-se a uma pessoa não-pública, a variante favorecida é a da ausência com .58.

A realização das entrevistas suscitou uma impressão de que alguns nomes de pessoas públicas eram pronunciados mais vezes com artigo do que outros. Essa impressão deveu-se ao fato de que alguns antropônimos foram mencionados com mais frequência do que outros. Por exemplo, nomes de artistas não suscitaram essa impressão por serem muito variados. Então, foram analisados os antropônimos que tiveram um mínimo de sete ocorrências.

Procedeu-se a uma contagem dos nomes de pessoas públicas e fez-se uma seleção daqueles que mais foram mencionados pelos informantes. Na tabela abaixo os nomes estão relacionados em ordem decrescente de acordo com o número de vezes que foram citados nas entrevistas.

TABELA 10 - Distribuição da variável por antropônimos específicos (figura pública)

| nome | presença | ausência | total |
|--|----------|----------|-------|
| Dilma (Presidente da República) | 15 | 10 | 25 |
| Lula (Ex-Presidente da República) | 10 | 8 | 18 |
| Aécio (senador) | 2 | 12 | 14 |
| Serra (candidato a Presidente da República) | 7 | 4 | 11 |
| Messi (melhor jogador de futebol do mundo) | 3 | 7 | 10 |
| Anastasia (Governador de Minas) | 2 | 7 | 9 |
| Helio Costa (candidato ao governo de Minas) | 0 | 6 | 6 |
| Taquinho (Ex prefeito Ponte Nova) | 0 | 8 | 8 |
| Marina (candidata a Presidente da República) | 5 | 2 | 7 |

Inicialmente, considerou-se a hipótese de que os nomes *Lula* e *Dilma* favoreceriam a presença do artigo. Essa hipótese foi confirmada pelos números: 55% das ocorrências do nome *Lula* e 60% das ocorrências do nome *Dilma* ocorreram com artigo. Mas, além desses, dois nomes tiveram mais ocorrências com presença do que com ausência, são eles, *Serra* com 63% e *Marina* com 71%.

Pode-se perceber que todos os quatro nomes, *Lula*, *Dilma*, *Serra* e *Marina*, têm uma relação entre si; todos nos remetem ao cargo de Presidente da República, seja por já terem sido candidatos ou por terem ocupado ou ocuparem efetivamente o cargo.

Inicialmente, a presença do artigo parecia estar relacionada a antropônimos que se associam ao domínio da política. Mas os dados da tabela 9 não permitem sustentar essa hipótese: pode observar-se que há outros nomes de pessoas públicas do campo da política que não aparecem em sua maioria precedidos pelo artigo. Podemos perceber que apenas 14% das ocorrências do nome *Aécio* e 22% do nome *Anastasia* são precedidas de artigo.

Portanto, se a presença do artigo realmente estivesse associada a nomes que remetem ao assunto política, todos esses nomes deveriam estar, em sua maioria, precedidos de artigo.

O fato de o fator *pessoa pública* ser apresentado pelo programa como favorecedor da presença do artigo contraria o que gramáticos tradicionais expõem sobre o uso do artigo, pois, como exposto no capítulo 2, na seção que trata do artigo definido, a maioria desses gramáticos afirma que um dos usos do artigo definido seria para denotar familiaridade quando usado junto aos nomes próprios.

4.3. Análises complementares

4.3.1 - O fator indivíduo

Ao se realizarem as transcrições das entrevistas e suas respectivas análises, percebeu-se que os contextos de uso da presença ou da ausência do artigo pelos indivíduos eram muito parecidos. Porém, notou-se também que alguns indivíduos "fugiam à regra" utilizada pelo restante dos informantes, ou seja, enquanto a maioria dos informantes realizaram tanto presença quanto ausência, com preferência pela última, alguns informantes não variaram em nenhum contexto, foram categóricos em relação à ausência.

Diante desse fato, optou-se por realizar uma nova análise acrescentando o fator indivíduo. Seguem os resultados:

TABELA 11 - Ausência/presença de artigo de acordo com o fator indivíduo

| Inf. | Gênero | F. etária | Ausência | | | Presença | | | Total |
|------|--------|-----------|----------|-----|-----|----------|----|-----|-------|
| | | | N | % | P | N | % | P | |
| A | F | Jovem | 32 | 64 | .34 | 18 | 36 | .66 | 50 |
| B | F | Jovem | 28 | 93 | .82 | 2 | 7 | .18 | 30 |
| C | F | Jovem | 40 | 78 | .51 | 11 | 22 | .49 | 51 |
| D | F | Jovem | 6 | 37 | .17 | 10 | 63 | .83 | 16 |
| E | F | Adulta | 29 | 78 | .30 | 8 | 22 | .70 | 37 |
| F | F | Adulta | 105 | 97 | .78 | 3 | 3 | .22 | 108 |
| G | F | Adulta | 107 | 96 | .75 | 5 | 4 | .25 | 112 |
| H | F | Adulta | 73 | 87 | .48 | 10 | 13 | .52 | 83 |
| I | M | Jovem | 22 | 79 | .51 | 6 | 21 | .49 | 28 |
| J | M | Jovem | 23 | 58 | .34 | 17 | 42 | .66 | 40 |
| K | M | Jovem | 52 | 100 | --- | 0 | 0 | --- | 52 |
| L | M | Jovem | 36 | 64 | .35 | 20 | 36 | .65 | 56 |
| M | M | Adulto | 80 | 88 | .46 | 11 | 12 | .54 | 91 |
| N | M | Adulto | 28 | 64 | .13 | 16 | 36 | .87 | 44 |
| O | M | Adulto | 68 | 100 | --- | 0 | 0 | --- | 68 |
| P | M | Adulto | 53 | 82 | .30 | 12 | 18 | .70 | 65 |

Ao observar a tabela 10, percebemos que quatro informantes, C, H, I e M, mostraram-se neutros em relação à ausência/presença do artigo; sete mostraram-se favorecedores da presença do artigo, A, D, E, J, L, N e P; três favorecedores da ausência, B, F e G, e dois que foram categóricos em relação à ausência, K e O, ou seja, em nenhum momento da entrevista fizeram uso do artigo diante de antropônimo.

Não se conseguiu com os resultados desta pesquisa encontrar uma hipótese que poderia explicar o fato de ter-se encontrado dois falantes categóricos em relação à ausência.

Alguns resultados mostrados pela tabela são bastante interessantes. O primeiro deles refere-se aos indivíduos que não fizeram uso do artigo: os dois encontram-se nos grupo dos homens, sendo um deles do grupo dos jovens e o outro do grupo dos adultos. Os sete

indivíduos que se mostraram favorecedores da presença estão distribuídos entre todos os grupos, dois entre as mulheres jovens, dois entre homens jovens, dois entre homens adultos e um entre as mulheres adultas. Também os quatro informantes que foram considerados como neutros estão distribuídos entre os quatro grupos.

4.3.2 - O cruzamento dos fatores gênero e faixa etária

Quando se realiza o cruzamento dos fatores gênero e faixa etária obtém-se uma informação interessante: mulheres jovens foi o grupo de informantes que mais fez uso da presença do artigo.

TABELA 12 - Distribuição das variáveis de acordo com o cruzamento dos fatores gênero e faixa etária

| | Ausência | | | Presença | | Total |
|------------------|----------|----|--|----------|----|-------|
| | N | % | | N | % | |
| Mulheres jovens | 107 | 72 | | 41 | 28 | 148 |
| Homens jovens | 133 | 76 | | 43 | 24 | 176 |
| Mulheres adultas | 314 | 92 | | 26 | 8 | 340 |
| Homens adultos | 228 | 85 | | 39 | 15 | 267 |

Conforme demonstrado na tabela 11, o grupo das mulheres jovens foi o que mais fez uso da presença do artigo diante de antropônimo, 28%. Em seguida, vieram os homens jovens com 24% de presença do artigo, depois homens adultos com 15 % e por último, mulheres adultas com 8%.

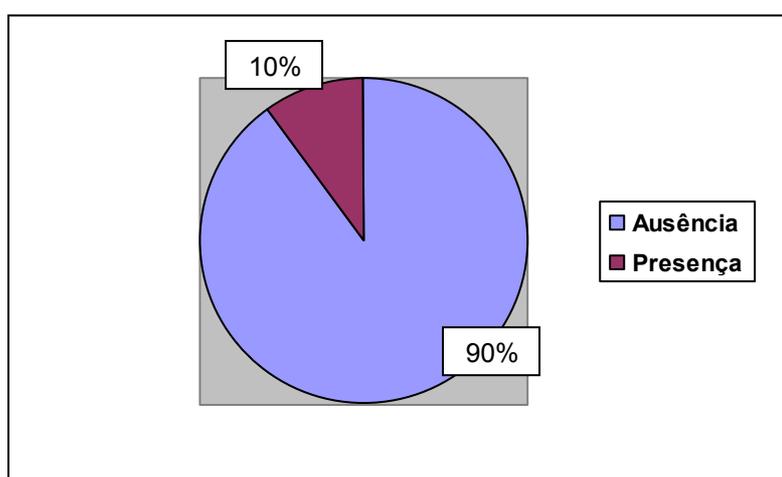
Parece que os falantes ponte-novenses consideram o uso do artigo diante de antropônimos como uma variante de prestígio. Uma das explicações para essa afirmativa poderia estar no fato de pesquisas terem demonstrado que o padrão da cidade de Belo Horizonte, que é a capital do estado, é a presença do artigo diante de antropônimo. E pode-se perceber que quando falantes ponte-novenses usam o artigo em seus discursos, tendem a serem considerados pedantes.

Seria essa a razão de as mulheres jovens fazerem um maior uso do artigo? Pois, conforme já foi mencionado na seção que trata do fator gênero, Chambers (1995) informa que as mulheres usam menos variantes estigmatizadas e não-padrão que homens de mesmo grupo.

4.3.3 - Resultados com exclusão do fator pessoa pública

Como foi demonstrado na seção 4.2.4, a análise do fator *pessoa pública* mostrou que este é favorecedor da presença do artigo com um peso relativo de .66. Diante desse resultado, decidiu-se por realizar uma análise retirando esse fator e automaticamente suas ocorrências para verificar se haveria mudanças nos resultados encontrados.

GRÁFICO 2 – distribuição das variantes sem o fator pessoa pública



Ao confrontar-se o gráfico que apresenta o resultado da análise realizada sem o fator *pessoa pública* com aquele que apresenta o resultado geral, percebe-se que a ausência do artigo cresceu em 5%. Esse aumento vem reforçar o resultado apresentado para o fator *pessoa pública*, pois este mostrou um favorecimento da presença do artigo. Então, se esse fator é favorecedor da presença do artigo, é natural que, ao ser retirado, a ausência mostre-se ainda mais marcante do que a presença.

Constatou-se que a presença do artigo se fez mais marcante ou mais presente quando os informantes mencionaram nomes que representam figuras públicas. Então, após realizar-se a análise dos dados sem o fator figura pública também se realizou uma análise com os dados que continham somente figuras públicas e a ausência continuou sendo a mais utilizada pelos informantes, pois, dos 318 casos analisados, 72% foram realizados sem a presença do artigo.

4.4 - Conclusão da análise dos fatores extralinguísticos

Foram quatro os fatores extralinguísticos analisados: gênero, faixa etária, intimidade e pessoa pública. Desses, somente dois, *faixa etária* e *pessoa pública*, foram selecionados pelo Goldvarb como significantes.

Quando analisado o fator *gênero*, percebe-se que homens e mulheres têm comportamento relativamente semelhante em relação à presença do artigo. Porém, o grupo dos homens mostrou-se levemente favorecedor da presença do artigo (.54) e o das mulheres favorecedor da ausência (.55).

Em relação ao fator *faixa etária*, os resultados mostraram que os jovens são favorecedores da presença do artigo. Viu-se que esse resultado levanta a hipótese de o uso do artigo definido poderia estar constituindo uma mudança em progresso, mas foi apontado que para confirmar ou refutar essa hipótese necessita-se de uma nova pesquisa com um maior número de dados.

Enquanto a presença é predominante entre os jovens, entre os adultos o que predomina é a ausência. Essa predominância da ausência entre os informantes adultos de Ponte Nova vai ao encontro do que Mendes (2000:148) defende em seu trabalho dizendo que "a comunidade de Barra Longa faz uso de uma estrutura pretérita, que pertencia à estrutura gramatical do sistema linguístico dos séculos XVIII e XIX".

O fator intimidade também não foi selecionado como significativo pelo programa para o nosso objeto de estudo. Porém, de acordo com os valores apresentados para os pesos relativos, os informantes desta pesquisa, quando se referem a pessoas mais próximas, tendem a fazer uso da ausência do artigo. Consequentemente, quando se referem a pessoas menos próximas tendem a fazer uso da presença.

Então, poderíamos concluir que para os ponte-novenses o uso do artigo seria uma marca de identificação para pessoas públicas, sejam elas regionais ou nacionalmente conhecidas?

Ao realizar a análise dos fatores extralinguísticos percebeu-se a necessidade de se realizarem outras apreciações acerca dos dados. Então, foram realizadas análises levando em conta algumas questões: o fator indivíduo, o cruzamento de gênero e faixa etária e a exclusão do fator pessoa pública.

Durante as entrevistas e posteriormente, durante as transcrições, podia-se perceber que os indivíduos comportavam-se de forma semelhante em relação ao uso do artigo diante de antropônimo, ou seja, todos variavam. Porém, durante a codificação dos dados, notou-se que

dois indivíduos fugiam a essa regra, pois não fizeram um uso variável do artigo diante de antropônimo e sim categórico, utilizaram apenas a ausência. Na análise por indivíduo, a presença mostrou-se mais saliente, pois dos 16 informantes participantes desta pesquisa, sete foram favorecedores da mesma.

Quando feito o cruzamento entre os fatores gênero e faixa etária obteve-se o resultado de que o grupo correspondente às mulheres jovens era o responsável por um maior uso do artigo definido diante de antropônimo. Na verdade, esse resultado não foi uma surpresa. Como mostrado por Chambers (1995), as mulheres tendem a usar mais as variantes de prestígio do que os homens e o uso do artigo pode ser considerado uma variante de prestígio para os falantes ponte-novenses, já que esse padrão é comparado à capital Belo Horizonte.

E, para finalizar, foi feita a análise com a exclusão do fator "pessoa pública", o que permitiu que se percebesse uma redução na taxa da presença do artigo, que baixou de 15 para 10%. Esse resultado já era esperado, pois o fator "pessoa pública" mostrou-se favorecedor da presença do artigo, então, quando retirado, naturalmente o resultado para a ausência deveria aumentar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo a investigação do comportamento dos falantes ponte-novenses frente à variação ausência/presença de artigo definido diante de antropônimo.

A hipótese inicial era a de que os falantes de Ponte Nova realizavam mais a ausência do que a presença do artigo, fazendo com que o fenômeno ocorresse de forma variável.

A variação linguística, de acordo com Labov (2008), está presente em todas as línguas e pode ser condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos.

A fala ao ser observada pode ser descrita e analisada. Então, quando se tem a atenção voltada para a língua em uso, percebe-se a heterogeneidade linguística. A Sociolinguística, além de estudar a fala no seio da comunidade, ou seja, a língua em uso, também investiga o quanto a variação pode ser estável ou em progresso e quais os fatores que influenciam sobre a mesma.

Diante disso, a presente pesquisa se desenvolveu a partir da análise quantitativa e qualitativa de um corpus constituído por 933 dados extraídos da fala de dezesseis informantes de duas faixas etárias. A primeira compreende falantes de 18 a 25 anos, e a segunda, falantes acima de 60 anos de idade. Foram entrevistados oito informantes do gênero feminino e oito do gênero masculino, todos com o nível médio de escolaridade.

Os dados foram analisados qualitativa e quantitativamente, sendo que para esta última foi utilizado o programa estatístico GOLDVARB/VARBRUL 2001.

Os resultados encontrados confirmaram a hipótese inicial que previa que a ausência do artigo diante de antropônimo seria mais frequente do que a presença, pois dos 933 dados, 84% ocorreram com ausência do artigo e os 16% restantes ocorreram com a presença.

Por acreditar que o objeto de estudo dessa pesquisa se constituía como um caso de variação foram controlados sete grupos de fatores que poderiam estar interferindo no processo.

Foram testados três fatores de natureza linguística – *antropônimo antecedido por preposição, circunstância em que o antropônimo é citado e antropônimo como item de enumeração* – e quatro de natureza extralinguística – *gênero, faixa etária, intimidade do falante com a pessoa mencionada e antropônimo referindo-se a pessoa pública*.

Dos três fatores linguísticos pesquisados, somente "antropônimo antecedido por preposição" foi selecionado como estatisticamente relevante e favorecedor da presença. Esse fato causou certa estranheza e fez com que fosse levantado o seguinte questionamento: se, de forma geral, a ausência de artigo se mostrou predominante, por que esse fator estaria

favorecendo a presença? Cogitou-se a hipótese de que o fator pessoa pública poderia estar sendo determinante nesse resultado. Quando realizada a análise dos dados retirando aqueles que se referiam a pessoas públicas, percebeu-se que a ausência passou a ser ainda maior, pois saltou de 84% para 90%. Esse resultado já era esperado, pois se o fator pessoa pública é favorecedor do artigo, quando retirado, a ausência deveria mesmo mostrar-se maior.

Dentre os quatro fatores linguísticos analisados, os dois selecionados como estatisticamente relevantes, pelo programa utilizado para a análise, GOLDVARB/VARBRUL 2001, foram - *faixa etária* e *antropônimo referindo-se a pessoa pública*.

A análise do fator *faixa etária* concluiu que os jovens são favorecedores da presença do artigo. Diante desse resultado, levantou-se a hipótese de que poderia estar ocorrendo uma mudança em progresso. Somente um novo estudo, talvez com a inclusão de mais uma faixa etária com pessoas mais velhas, poderia fornecer a resposta a esse questionamento, pois o informante mais velho desta pesquisa tem 60 anos. Provavelmente, também seria necessária a realização de um número maior de entrevistas.

O resultado para o fator *antropônimo referindo-se a pessoa pública* contrariou o que a gramática tradicional prega em relação ao uso do artigo diante de nome próprio. Gramáticos tradicionais defendem que o uso do artigo denota intimidade do falante com o referente do antropônimo. Nesta pesquisa, o resultado mostrou o contrário, pois o fator pessoa pública foi favorecedor justamente da presença de artigo.

Após análise do fator pessoa pública, levantou-se a hipótese de que nomes de pessoas públicas ligadas ao domínio da política estariam sendo precedidos em sua maioria pelo artigo. Realmente essa hipótese foi comprovada, porém não se pode confirmar que o assunto política estaria condicionando essa presença do artigo, pois alguns nomes de políticos foram realizados em sua maioria com a ausência do artigo.

Quando se faz um confronto entre os fatores linguísticos e extralinguísticos, percebe-se que estes últimos são mais relevantes como condicionadores da presença ou da ausência do artigo diante de antropônimo.

Esta pesquisa descreveu o padrão dos falantes ponte-novenses em relação ao uso do artigo diante de antropônimo comprovando a hipótese inicial de que a ausência é realmente bem mais marcante que a presença. Mostrou-se também que essa variação ausência/presença está condicionada por alguns fatores linguísticos e extralinguísticos. Há uma questão que não foi levantada por este estudo e que merece ser analisada em um trabalho posterior: por que, ou quais os motivos que justificam, na fala dos ponte-novenses, o maior uso da ausência do artigo diante de antropônimo?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA MENDES, A. *A ausência ou a presença de artigo definido diante de nomes próprios na fala dos moradores da zona rural de Abre Campo e Matipó – M.G.* 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: FALE/UFMG.

ALVES, Ana Paula Mendes *Um estudo sociolinguístico da variação sintática ausência/presença de artigo definido diante de antropônimo na fala dos jovens de Barra Longa-MG que residem em Belo Horizonte.* 2008. Dissertação (Mestrado em Estudo Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: FALE/UFMG.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu.* Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003.

_____. Contribuições para uma tipologia de antropônimos no português brasileiro. *Alfa: Revista de Linguística.* 55 (1): 63-82, Sao Paulo: Unesp, 2011.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa* – Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

CALLOU, Dinah; SILVA, Giselle M. e O. O uso do artigo definido em contextos específicos. IN: HORA, Demerval da. (org.) *Diversidade Linguística no Brasil.* João Pessoa – PB, 1997.

CHAMBERS, J.K. *Sociolinguistic Theory.* Oxford/Cambridge, Blackwell, 1995.

CUNHA, Celso Ferreira. *Gramática do português contemporâneo.* Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares S.A., 1971.

FARACO, Carlos Emílio. MOURA, Francisco Marto. *Gramática: fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, estilística.* São Paulo: Editora Ática, 1996.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns.* Philadelphia: University of Pennsylvania Press, ([1972], 2008)

LYONS, John. *Semântica.* Vol. 1. Lisboa: Presença/ Martins Fontes, 1977.

MENDES, Soélis Teixeira do Prado. *A ausência de artigo definido antes de nomes próprios no português mineiro de Barra Longa: um caso de retenção?* 2000. Dissertação (Mestrado

em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: FALE/UFMG

MOLLICA, Maria Cecília. *Fundamentação teórica: conceituação e delimitação*. IN: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza. (orgs.). *Introdução à Sociolingüística: O tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, pp.9-14.

_____. Relevância das variáveis não linguísticas IN: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza. (orgs.). *Introdução à Sociolingüística: O tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, pp.27-32.

MOISÉS, Juliana de Assis. *O “lugar” do artigo no discurso: considerações sobre o uso do artigo no português culto falado em Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.

NARO, Anthony Julius. *Modelos quantitativos e tratamento estatístico* IN: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza. (orgs.). *Introdução à Sociolingüística: O tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, pp.43-57.

NEVES, Maria helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESp: 2000.

RIBEIRO FILHO, Antônio Brant. *Ponte Nova 1770-1920: 150 anos de história*. Viçosa: Editora Folha de Viçosa, 1993.

RODRIGUES, André Figueiredo. Os sertões proibidos da Mantiqueira: desbravamento, ocupação da terra e as observações do governador Rodrigo José de Meneses. *Revista Brasileira de História*. ano 2003, vol. 23, número 046. Associação Nacional de História. São Paulo, Brasil, pp. 253-270. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882003000200011&lng=en&nrm=iso
Acesso em: 10 de janeiro de 2012.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira *Coleta de dados* IN: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza. (orgs.). *Introdução à Sociolingüística: O tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 2000.

Endereços eletrônicos

<http://www.asminasgerais.com.br/zona%20da%20mata/uniVlerCidades/geografia/index.htm>
Acesso em: 10 de janeiro de 2012.

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/b/b1/MinasGerais_Micro_PonteNova.svg/739px-MinasGerais_Micro_PonteNova.svg.png
Acesso em: 10 de janeiro de 2012.

www.pontenet.com.br
Acesso em: 15 de agosto de 2011.

<http://www.almg.gov.br/index.asp?grupo=estado&diretorio=munmg&arquivo=municipios&municipio=52105> Acesso em: 9 janeiro 2011

<http://www.jatiboca.com.br/historico.html> Acesso em: 02 de novembro de 2011

<http://www.pontenova.mg.gov.br/home/index/paginas/historia.asp>
Acesso em: 9 janeiro de 2012

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=315210#>
Acesso em: 02 de novembro de 2011

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/b/b1/MinasGerais_Micro_PonteNova.svg/739px-MinasGerais_Micro_PonteNova.svg.png
Acesso em: 9 de janeiro de 2011

<http://www.facebook.com/photo.php?fbid=3069869179249&set=a.3069868979244.2137470.1039195233&type=3&theater>
Acesso em: 9 de janeiro de 2011